



**SIDEREUM ANA III**  
**El río Guadiana y Tartessos**

Javier Jiménez Ávila (ed.)



Serie Compacta 1

SERIE COMPACTA  
(*Compendia et Acta*)

1

SIDEREUM ANA III  
El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA  
(ed.)

SIDEREUM ANA III: el río Guadiana y Tartessos : [actas de la reunión científica] / Javier Jiménez Ávila, ed. – Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica, 2017. – 630 p. : il. ; 30 cm  
(Serie compacta. Compendia et Acta ; 1)

ISBN 978-84-697-4788-9

1.Excavaciones (Arqueología)–España-Guadiana, Cuenca del-Congresos. 2. Guadiana, Cuenca del (España)-Historia-Hasta 0218 A. J.C. (Período prerromano)-Congresos . 3. Guadiana, Cuenca del (España)-Antigüedades-Congresos. 4.Tartessos (Reino)-Congresos. I. Jiménez, Ávila, F. Javier, ed. lit. II. Subtit. : El río Guadiana y Tartessos. III. Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, ed. IV. Col.  
902(460-15)"637"(063)  
904(460-15)"637"(063)

Este libro contiene las actas de la reunión científica “Sidereum Ana III, El río Guadiana y Tartessos”, celebrada en Mérida en septiembre de 2012 y realizada en el marco del proyecto *Prehistoria del Territorio de Mérida a través de la Colección Comarcal* (PRI09A154) financiado por la Junta de Extremadura dentro del III Plan Regional de Investigación, Desarrollo e Innovación.

Portada: Fragmento de plato de cerámica griega (s. VI a.C.) procedente de El Cuco, Guadajira (Badajoz). Foto V. Novillo.

© Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

© de los textos: los autores.

Diseño y maquetación: Juan Carlos Conde.

Impresión: Imprenta Rayego, S.L.

ISBN: 978-84-697-4788-9

Depósito Legal: BA-000321-2017

Impreso en España. Printed in Spain.

## SUMARIO

---

<b>Presentación. Sidereum Ana: diez años de encuentros transfronterizos y arqueológicos</b> Javier Jiménez Ávila.....	9
<b>La Anficiónía Tartesia orientalizante</b> Martín Almagro-Gorbea – Alfredo Mederos Martín – Mariano Torres Ortiz.....	15
<b>El Alto Guadiana entre los siglos VIII y VI a.C.</b> <b>Novedades estratigráficas en el área 4 de <i>Sisapo</i> – La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real)</b> Mar Zarzalejos Prieto – Germán Esteban Borrajo – Patricia Hevia Gómez .....	39
<b>Ancha es Tartessos.</b> <b>El Periodo Orientalizante (siglos VIII-VI a.C.) en el tramo extremeño del Guadiana</b> Javier Jiménez Ávila.....	69
<b>La ocupación orientalizante de la Escuela de Hostelería de Mérida</b> Javier Jiménez Ávila – Francisco Javier Heras Mora.....	107
<b>Povoamento “orientalizante” na margem esquerda do Guadiana</b> <b>Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa</b> Ana Sofia Antunes – António M. Monge Soares – Manuela de Deus – Rui M. Soares.....	131
<b>Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3:</b> <b>Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior</b> Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Susana Estrela – Javier Larrazabal António M. Monge Soares – Rosa M. Salvador Mateos .....	159
<b>A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal)</b> Ana Margarida Arruda – Rui Barbosa – Francisco Gomes – Elisa de Sousa .....	187
<b>A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)</b> Filipe J.C. Santos – Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Carolina Grilo.....	227
<b>A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja)</b> Rui M. Soares – Lúcia Baptista – Rui Pinheiro – Lurdes Oliveira – Zélia Rodrigues – Nelson Vale.....	263
<b>Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6</b> Tiago do Pereiro – Rui Mataloto – Nelson Borges .....	303
<b>A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante:</b> <b>as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)</b> Rosa M. Salvador Mateos – José António Pereira.....	333

<b>Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja</b>	
Margarida Figueiredo – Rui Mataloto .....	353
<b>La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). Nota preliminar</b>	
Ever Calvo Rodriguez – Patricia Simão .....	399
<b>A necrópole de Pisões (Beja)</b>	
Patrícia Bargão – Dulce Fernandes .....	407
<b>O Cabeço Redondo (Moura).</b>	
<b>Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana</b>	
Rui Monge Soares – António M. Monge Soares .....	421
<b>Castro Marim entre indígenas, Fenícios e Tartéssicos</b>	
Ana Margarida Arruda – Carlos Filipe de Oliveira – Vera Teixeira de Freitas .....	443
<b>Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte (Huelva)</b>	
Juan Aurelio Pérez Macías – Benjamín Cabaco Encinas – Elisabet García Teyssandier .....	467
<b>El descubrimiento de la necrópolis fenicia de Ayamonte, Huelva (siglos VIII–VII a.C.)</b>	
Elisabet García Teyssandier – Dirce Marzoli – Benjamín Cabaco Encinas Bärbel Heußner – Ingrid Gamer-Wallert .....	493
<b>La orientalización de Huelva (siglos VIII–VI a.C.)</b>	
Francisco Gómez Toscano .....	531
<b>Una vivienda rural orientalizante en la <i>chora</i> de la Huelva “tartésica”: el fondo de cabaña 577 de La Orden-Seminario</b>	
Cristina López Cabot – Juan Carlos Vera-Rodríguez .....	557
<b>Nuevos datos sobre la Huelva tartésica. La excavación arqueológica de la calle Concepción 3</b>	
Marcos García Fernández .....	579
<b>Tradição indígena e orientalizante na metalurgia do bronze da bacia do Guadiana entre os séculos VIII e VI a.C.</b>	
Pedro Valério – António M. Monge Soares – Maria Fátima Araújo – Rui J.C. Silva .....	605
<b>Conclusiones – Conclusões</b>	
Paolo Bernardini – Rui Mataloto – Juan Pereira Sieso – Sabah Walid Sbeinati .....	617
<b>Relación de autores.....</b>	625



# MONTE DO BOLOR 3, MONTE DO POMBAL 2, SALSA 3 E TORRE VELHA 3: CONTEXTOS DE PLANÍCIE DA I IDADE DO FERRO DO ALENTEJO INTERIOR

---

Ana Sofia ANTUNES  
(*Câmara Municipal de Serpa*)

Manuela de DEUS  
(*Direção Regional de Cultura do Alentejo, Extensão de Castro Verde*)

Susana ESTRELA  
(*Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.*)

Javier LARRAZABAL  
(*Lab2PT – Universidade do Minho*)

António M. MONGE SOARES  
(*Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa*)

Rosa María SALVADOR MATEOS  
(*Noarqueologia*)

## RESUMO

---

Nos últimos anos realizaram-se escavações arqueológicas no âmbito de projetos de arqueologia programada e de minimização de impactes no Baixo Alentejo, nos concelhos de Ferreira do Alentejo, Beja e Serpa, em ambas as margens do Médio Guadiana, que permitiram documentar sítios em áreas de relevo pouco acidentado, enquadrados na primeira metade do I milénio a.C., designadamente no segundo quartel. Estes reflectem o papel assumido pela planície ao nível do povoamento e possibilitam discutir as problemáticas da perduração do Bronze Final regional e do influxo orientalizante-tartéssico neste território com base nos artefactos cerâmicos recolhidos, que mantêm uma vincada tónica da produção oleira do Bronze Final, mas entre os quais se contabilizam também alguns elementos exógenos.

## ABSTRACT

---

Archaeological excavations carried out in recent years under investigation and preventive archaeology projects, in the Baixo Alentejo's municipalities of Ferreira do Alentejo, Beja and Serpa, on both banks of the Middle Guadiana river allowed to record sites dating from the second quarter of the I<sup>st</sup> millennium BC, in areas of slightly rugged relief. These sites reflect the role played by the plain at the level of settlement and allow discussing the questions of the regional Late Bronze Age continuity taking into account the Orientalizing / Tartessian influx in this territory. This discussion will be based on the ceramic artifacts, that maintain a strong influence of the Late Bronze Age pottery production, but among which there are also some exogenous elements.

**SIDEREUM ANA III**

**El río Guadiana y Tartessos**

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA (ed.)

*Publicaciones del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida*

*Serie Compacta (Compendia et Acta) n.º 1. Mérida 2016*

*pp. 159-185*





## 1. ENQUADRAMENTO

Escavações arqueológicas realizadas nos últimos anos nas áreas dos concelhos baixo-alentejanos de Ferreira do Alentejo, Beja e Serpa, a Oeste e a Este do Guadiana, no âmbito de projectos de minimização de impactes sobre o património decorrentes da implementação da II Fase do Empreendimento de Alqueva e de um projecto de investigação permitiram a identificação de contextos funerários e habitacionais da I Idade do Ferro (Fig. 1).

Os sítios de Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3 apresentados neste trabalho assumem relevância em face do panorama actual da investigação, nomeadamente para o conhecimento das formas de ocupação da planície baixo-alentejana no segundo quartel do I milénio a.C.

Estes sítios localizam-se na peneplanície alentejana, mais especificamente na “superfície do Baixo Alentejo”, unidade de paisagem delimitada a Norte pela escarpa da Vidigueira e pelas serras de Portel e do Mendro, acidentes naturais que marcam a separação entre o Alentejo Central e o Baixo Alentejo. Estão implantados próximo de cursos de água, em áreas abertas, sem condições naturais de defesa, em zonas planas ou em encostas voltadas a Sul ou a Sudeste, rodeados por solos de boa aptidão agrícola e junto a vias naturais de comunicação. As diferenças de altitude destes sítios estão relacionadas com a morfologia da paisagem da área específica em que se inserem.

Apesar de Monte do Pombal 2 e Monte do Bolor 3 se localizarem já na bacia hidrográfica do rio

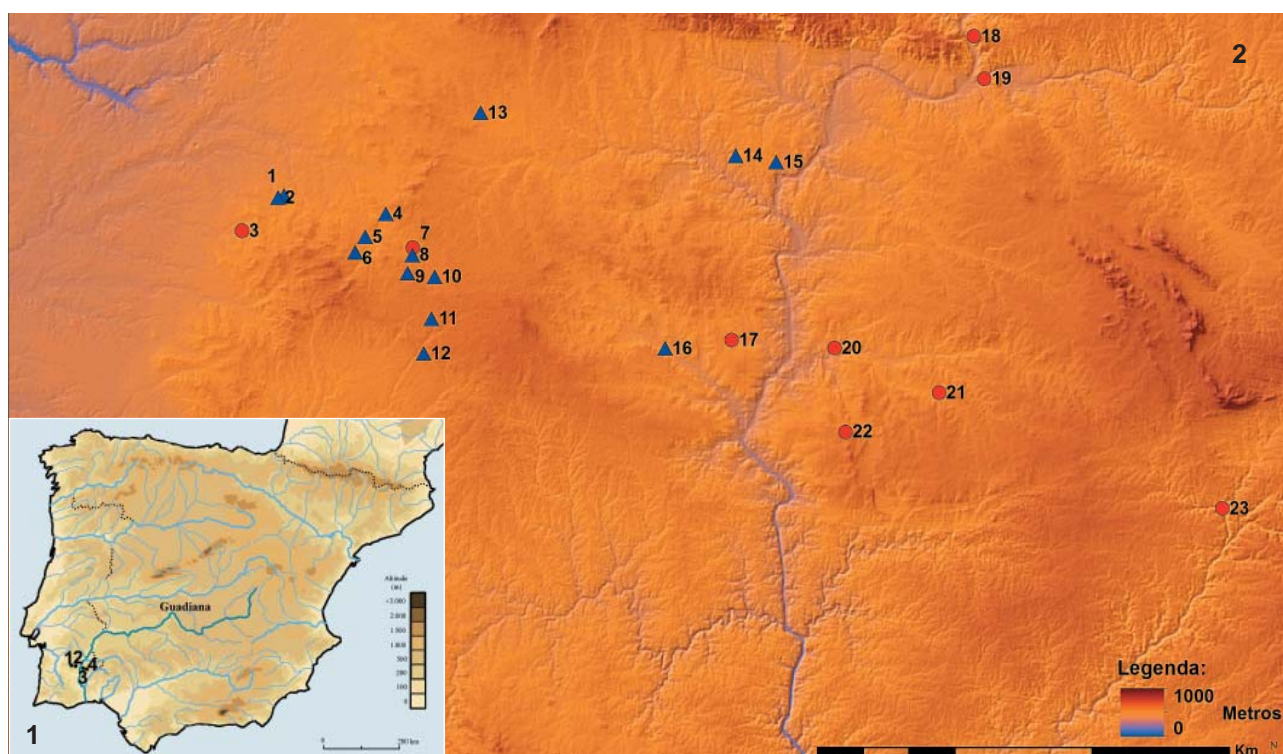


Fig. 1.— 1. Mapa da Península Ibérica com a localização dos sítios em estudo. 1. Monte do Pombal 2; 2. Monte do Bolor 3; 3. Salsa 3; 4. Torre Velha 3; 5. Vinha das Calças 4; 6. Palhais; 7. Monte do Marquês 7; 8. Monte do Bolor 3; 9. Carlota; 10. Monte do Arcediago 1; 11. Cinco Reis 8; 12. Pisões; 13. Xanra; 14. Fareleira 3; 15. Poço Novo 1; 16. Herdade das Carretas; 17. Folha do Ranjão; 18. Castro dos Ratinhos; 19. Azougada; 20. Salsa 3; 21. Torre Velha 3; 22. Castelo de Serpa; 23. Cabeço Redondo; 24. Passo Alto; 25. Monte do Pombal 1 (agradece-se a Pedro Barros a elaboração deste mapa).



Fig. 2.— Monte do Bolor 3. Vista geral.

Sado e de Salsa 3 e Torre Velha 3 se implantarem na do Guadiana, considera-se que, no estado actual dos conhecimentos e do ponto de vista da apreensão da paisagem, se podem enquadrar estas duas áreas no mesmo território. Note-se, por exemplo, que o Monte do Bolor 3 se encontra, em linha recta, ligeiramente mais próximo do rio Guadiana do que do rio Sado.

A actual cidade de Beja fica no centro da planície baixo-alentejana e no interflúvio das duas bacias hidrográficas. Monte do Pombal 2 e Monte do Bolor 3 localizam-se a Oeste de Beja, na margem direita do Guadiana, numa zona privilegiada de ligação das bacias do Sado e do Guadiana, em terrenos agrícolas férteis, de rochas sedimentares carbonatadas ou de gabro-dioritos alterados conhecidos como caliços e integrados nos designados Barros de Beja. Salsa 3 e Torre Velha 3 situam-se a Este de Beja, próximo de Serpa, implantados também em terrenos férteis, em zonas de caliços resultantes da degradação do substrato geológico gabro-diorítico, junto a dois cursos de água tributários da ribeira do Enxoé, afluente da margem esquerda do Guadiana.

## 2. OS SÍTIOS E OS CONTEXTOS

### 2.1. MONTE DO BOLOR 3

O sítio de Monte do Bolor 3 (São Brissos, Beja) foi intervencionado pela empresa Novarqueologia no âmbito da execução do *Projecto Troço de Ligação Pisão-Beja*. A intervenção arqueológica desenvolveu-se em várias fases. Após sondagens de diagnóstico, foi efectuada, em fase de obra, uma

decapagem integral da área a afectar (30.000 m<sup>2</sup>), possibilitando uma superfície de escavação arqueológica manual de aproximadamente 1200 m<sup>2</sup>.

Encontra-se inserido numa paisagem característica da peneplanície do Baixo Alentejo (Fig. 2), implantado numa área ligeiramente destacada à cota de 180 m, sobranceira a linhas de água subsidiárias da Ribeira do Álamo e rodeada por solos de elevado potencial agrícola.

O sítio apresenta uma larga diacronia de ocupação desde o III milénio a.C. até à Antiguidade Tardia. No entanto, e apesar de marcadas discontinuidades, especialmente no que diz respeito ao II milénio a.C., os contextos sidéricos estão bem representados, permitindo, inclusive, propor uma certa antiguidade para o início dos mesmos, face à presença de determinados tipos cerâmicos (cerâmica com decoração brunida e cerâmica pintada). Em meados do I milénio a.C., começam a sentir-se as influências de transição para a II Idade do Ferro. Daqui em diante e até à Antiguidade Tardia, a ocupação de Monte do Bolor 3 é mais estável.

Esta larga diacronia de ocupação do sítio não se traduz numa rica e complexa sequência estratigráfica, primando uma ocupação de tipo horizontal.

Os contextos associados à I Idade do Ferro respondem a duas realidades negativas abertas no substrato brando local (fossa 9 e fossa 101), que poderíamos relacionar com espaços domésticos e/ou funcionais. A fossa 9 (Fig. 3.1) apresenta uma planta alargada de 7 x 2 m que estava preenchida por depósitos sucessivos, sendo detectada no seu interior uma estrutura circular de 1,40 m de diâmetro, escavada no terreno natural. Esta apresentava uma superfície de argila endurecida, sob a

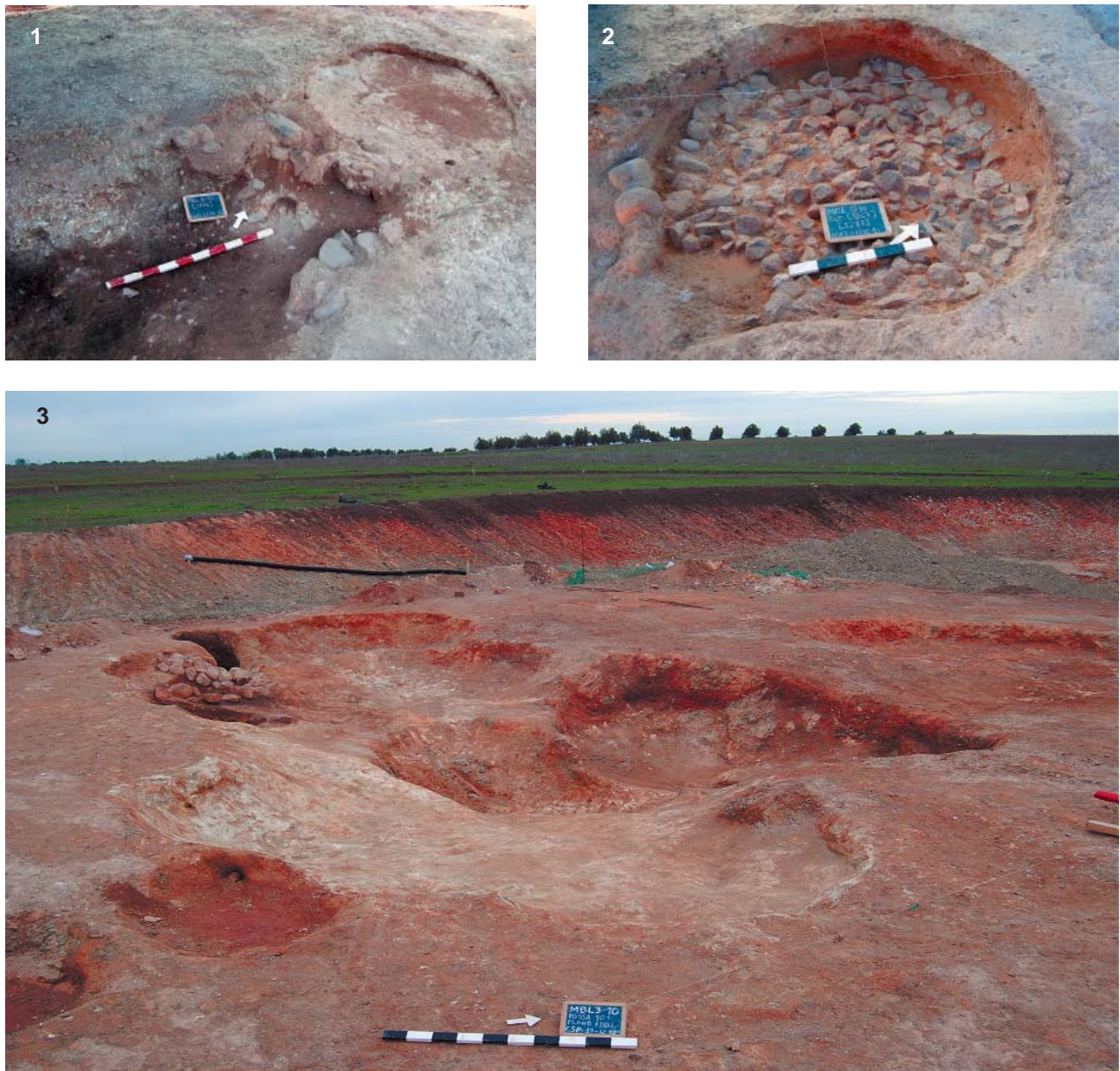


Fig. 3.— Monte do Bolor 3. 1. Vista geral da fossa 9; 2. Pormenor da fossa 9; 3. Vista geral da fossa 101.

qual se dispunham vários níveis de seixos rolados e fragmentos cerâmicos (Fig. 3.2). A Sul foram individualizados diferentes níveis de cinzas. A fossa 101 (Fig. 3.3) apresenta planta ovalada de grandes dimensões (13 x 11 m) e uma profundidade média de 0,60 m, enquanto as paredes e o fundo são irregulares. No interior foi documentada uma disposição interna com alguma complexidade, sendo individualizadas diversas realidades, com destaque para os restos de uma estrutura circular com cerca de 2 m de diâmetro que apresenta alguma semelhança com a detectada na fossa 9, embora em pior estado de preservação (Fig. 4). Este tipo de estruturas encontra paralelos um pouco por todo

o Sudoeste peninsular, em contextos habitacionais tanto orientalizantes como pós-orientalizantes.<sup>1</sup> A sua interpretação não tem sido consensual, tendo-lhe sido, geralmente, atribuída a funcionalidade de lareiras, de fornos domésticos ou de estruturas de armazenagem aéreas do tipo silo.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Estruturas similares foram detectadas na Extremadura espanhola em El Palomar (Jiménez Ávila e Ortega 2001: 231-233; Jiménez Ávila 2005), em Cancho Roano e em El Chaparral (Jiménez Ávila *et al.* 2005: 461-468), e no Alentejo Central no Monte da Sapatoa (Mataloto 2004: 52-56) e no Espinhaço de Cão (Mataloto 2004; Calado e Mataloto 2008), entre outros.

<sup>2</sup> Jiménez Ávila e Ortega 2008: 271-272.



Fig. 4.— Monte do Bolor 3. Pormenor da estrutura de combustão no interior da fossa 101.

Estes contextos proporcionaram um amplo conjunto cerâmico dominado claramente pela produção manual. Entre as produções a torno, que representam apenas 4% do conjunto, destaca-se a cerâmica cinzenta, sendo que a cerâmica de engobe vermelho está praticamente ausente.

Dentro da produção manual, evidencia-se um claro predomínio das cozeduras redutoras, das pastas pouco depuradas e dos acabamentos não muito cuidados. O repertório formal está dominado por recipientes de tamanho médio e grande: os potes/panelas constituem a forma mais representada, apresentando normalmente perfis em S, bordos esvasados e colos pouco desenvolvidos, corpos ovoides ou globulares e fundos planos. São recipientes cuja forma podemos rastrear na olaria do Bronze Final, generalizando-se no Sudoeste peninsular desde o início da Idade do Ferro, e perdurando ao longo dos séculos VII e VI a.C., chegando inclusive até ao século V a.C.<sup>3</sup> (Fig. 5.1). Ainda dentro da cerâmica manual, documenta-se a presença de taças/tigelas hemisféricas ou com carenas pouco marcadas. Em termos decorativos, os motivos resumem-se a digitações simples, dispostas em bandas horizontais envolvendo todo o perímetro das peças. Verifica-se ainda a presença de decoração incisa à base de linhas que descre-

vem motivos reticulados ou linhas quebradas, feitas sobre a pasta fresca nos bordos, e/ou sobre os bojos. Alguns fragmentos apresentam temas combinados, com linhas incisas quebradas juntamente com bordos incisos (Fig. 5.2).

Apesar da sua raridade no conjunto cerâmico analisado merece especial atenção, pelo seu expressivo valor cultural e/ou cronológico, a presença de decoração brunida e pintada. A decoração brunida está representada por apenas dois exemplares (Fig. 5.3). No interior da fossa 9 foi recuperada uma taça carenada, com paredes finas e fundo em ônfalo, que apresenta uma decoração brunida no interior à base de motivos lineares associados formando redes. A forma, a técnica e os motivos decorativos estabelecem relações estreitas com as tradições oleiras indígenas do Bronze Final, especialmente com a área andaluza.<sup>4</sup> Em Castro Marim,<sup>5</sup> exemplares deste tipo documentam-se em todas as fases da primeira metade do I milénio a.n.e. Foi, ainda, identificada na fossa 101, uma taça hemisférica que apresenta também decoração brunida no interior à base de motivos lineares simples, que poderiam corresponder à adopção de um esquema evolucionado<sup>6</sup> das gramáticas decorativas do Bronze Final.

<sup>4</sup> Soares 2005.

<sup>5</sup> Oliveira 2006: 58.

<sup>6</sup> *Ibidem*: 92.

<sup>3</sup> Ladrón de Guevara 1994.

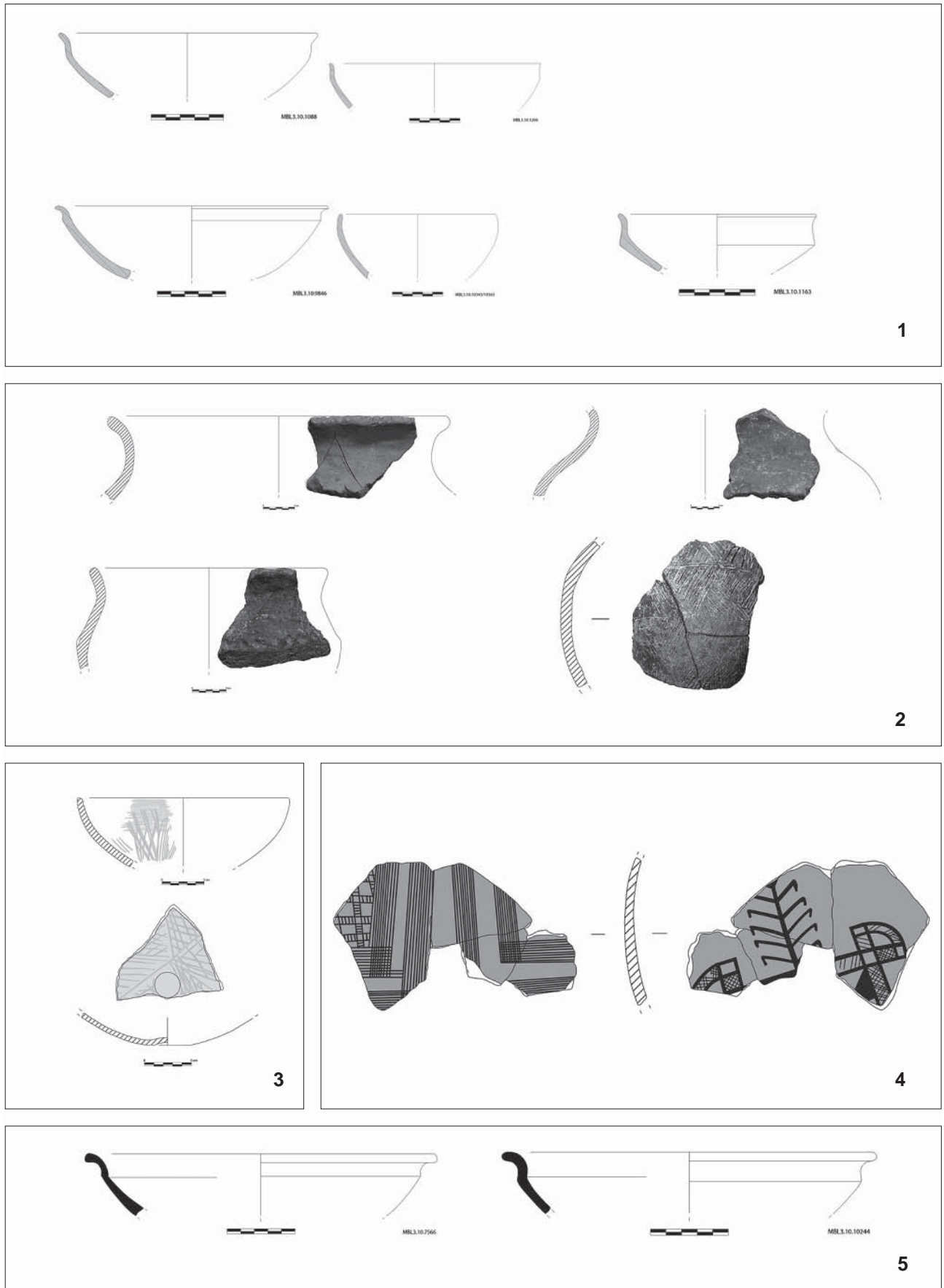


Fig. 5.— Monte do Bolor 3; Cerâmica. 1. Manual sem decoração; 2. Manual decorada; 3. Manual con decoração brunida; 4. Pintada; 5. Cerâmica cinzenta.



Fig. 6.— Monte do Pombal 2. Vista geral de implantação desde Sudeste.

Importa destacar a presença, na fossa 9, de vários fragmentos cerâmicos pertencentes a uma mesma peça de fabrico cuidado, que apresenta no interior e no exterior decoração pintada a vermelho reproduzindo motivos geométricos organizados em bandas e métopas, em cujo interior se representam temas mais elaborados (Fig. 5.4). Lamentavelmente, a exiguidade dos fragmentos não nos permite tratar questões de índole morfológica. Este tipo de decoração relaciona-se com a cerâmica pintada do Guadalquivir, e especialmente com as produções mais antigas, as denominadas de estilo Carambolo, geograficamente vinculadas à área do Baixo Guadalquivir, nas províncias de Sevilha e Huelva e que foram registadas nos sítios de Carambolo, Valencina e S. Pedro, entre outros. A adscrição cronológica desta produção é controversa: alguns autores defendem cronologias altas, balizadas entre o século IX e primeira metade do século VIII a.C., anteriores aos primeiros sítios fenícios, enquanto outros propõem cronologias à volta dos séculos VIII-VII a.C., podendo, inclusive, alcançar o século VI a.C.<sup>7</sup>

A cerâmica cinzenta (Fig. 5.5) está representada por 18 fragmentos, com predomínio das formas abertas, pratos e taças. Merece destaque a presença de um prato carenado que apresenta bons paralelos tipológicos nas cerâmicas cinzentas de Abul A e Abul B, na forma I.C.2. Assemelha-se à forma 3A1a da necrópole de Medellín e à forma 30 de Espinhaço de Cão 1, que conhecem cronologias de meados do século VII a finais do século VI a.C.

Em resumo, o conjunto cerâmico reflecte grande conservadorismo, com um protagonismo absoluto das produções manuais e das formas associáveis a

actividades culinárias ou de armazenagem, sobre os recipientes relacionados com o consumo individual. Os esquemas decorativos seguem tipos comuns documentados nos contextos sidéricos do Sudoeste, sendo raros os elementos de matriz orientalizante. Em geral, os materiais cerâmicos sugerem uma cronologia balizada entre os séculos VII e VI a.C., com alguma perduração até bem entrado o século V a.C. Contudo, a presença de determinados tipos enraizados na olaria do Bronze Final, devem ser considerados na hora de ponderar alguma maior antiguidade para alguns itens presentes no conjunto.

Em termos interpretativos, o Monte do Bolor 3 responde a um tipo de assentamento rural inserido num modelo de povoamento implementado em cotas baixas, que começa a desenvolver-se no início do I milénio, e inclusivamente antes, e se consolida durante a Idade do Ferro, em consonância com o que acontece na periferia tartéssica e especialmente no interior alentejano. Registe-se a existência, a uns escassos 300 m para Sul, da necrópole de Monte do Bolor 1,<sup>8</sup> que deu a conhecer três sepulturas de inumação, com um espólio que nos remete para momentos dos séculos VII e VI a.C., cuja correspondência com os contextos habitacionais de Monte do Bolor 3 é bastante provável.

## 2.2. MONTE DO POMBAL 2

A intervenção arqueológica desenvolvida pela empresa Empatia Arqueologia, Lda. no sítio do Monte do Pombal 2 (Ferreira do Alentejo) faz parte das medidas de minimização de impacte ambien-

<sup>7</sup> Torres 2002: 133s.; Aubet 1982; Escacena 2000: 111.

<sup>8</sup> Proença 2010.



Fig. 7.— Monte do Pombal 2. Vista parcial das estruturas de época romana da Sondagem 2/9.

tal do *Projecto de Implementação do Sistema de Rega de Ferreira e Valbom – Bloco A (fase prévia à obra)*, integrado no Subsistema de Alqueva e promovido pela EDIA, S.A.

Situado 2 km a nordeste de Ferreira do Alentejo, o sítio implanta-se numa suave paisagem com pequenas elevações (Fig.6), acima dos 150 metros de altitude, com ampla visibilidade e ligeira pendente a Sul, dedicadas na actualidade ao plantio intensivo da oliveira. Geologicamente, a área caracteriza-se pelas rochas conhecidas na região como caliços e pelos solos de matriz argilosa de reduzida potência arável.

Desde 1982 que o sítio é referenciado como uma provável *villa* romana, comparecendo regularmente

desde aquela altura nos diversos catálogos de sítios romanos do Baixo Alentejo.<sup>9</sup> A nossa intervenção arqueológica (Fig. 7), desenvolvida entre Abril e Julho de 2009 contemplou a abertura inicial de 40 m<sup>2</sup>, ampliados posteriormente com mais 51 m<sup>2</sup> devido ao aparecimento na Sondagem 2 de um edifício de época romana e de diversos níveis com presença de materiais sidéricos. Selados pelas estruturas baixo-imperiais (Fig. 8), foram localizados na base da estratigrafia dois níveis de natureza argilosa (U.E.'s 206/903 e 207/904), que pareciam preencher uma pequena depressão existente no afloramento geo-

<sup>9</sup> Amaro 1982: 33; Alarcão 1988: 8/76; Lopes 2000: 41, n.º 167.

lógico e que proporcionaram um sucinto lote de materiais cerâmicos datáveis da I Idade do Ferro. O universo de exemplares objecto de estudo é composto por 62 fragmentos cerâmicos classificáveis, na sua maior parte correspondentes a bordos.

Considerada irrelevante a elaboração de percentagens estatísticas dado o reduzido número de elementos da amostra em causa, é contudo claramente perceptível no conjunto um absoluto predomínio das produções manuais face àquelas elaboradas a roda, representadas unicamente por oito fragmentos.

A cerâmica manual pode organizar-se em dois grandes grupos atendendo às suas características técnicas.

Um primeiro conjunto é definido pelas pastas grosseiras com desengordurantes de tamanho médio e fino de quartzo e calça. Apresentam habitualmente maiores espessuras, até 1 cm, e cozeduras redutoras que conferem às paredes umas tonalidades cinzentas escuras ou mesmo pretas. As suas superfícies, embora não contenham qualquer tipo de decoração, apresentam-se intensamente brunidas, nomeadamente no interior, oferecendo acabamentos por vezes brilhantes. Integram-se neste grupo as taças de perfil troncocónico ou hemisférico, com diâmetros entre os 26 e os 38 cm, e as tigelas hemisféricas com diâmetros entre os 16 a 18 cm. É de salientar a presença de várias perfurações duplas junto dos bordos (Fig. 9, n.º 1), uma característica que parece datar-se exclusivamente a partir do século V a.C. e restringir-se aos contextos indígenas.<sup>10</sup> Cronologia análoga pode atribuir-se a um exemplar de taça com vestígios de um elemento de prensão (Fig. 9, n.º 2), provavelmente uma asa cega similar àquelas que frequentam, no Sudoeste, os contextos tardios da I Idade do Ferro (Cancho Roano, La Mata, El Chaparral, Azougada, Malhada das Taliscas, Gato, Herdade da Sapatoa, Fase V de Castro Marim). Ainda enquadrável neste mesmo esquema cronológico, pode referir-se uma pequena tigela de factura muito tosca (Fig. 9, n.º 5), que lembra um exemplar de El Chaparral.<sup>11</sup>

O segundo grupo manual é constituído por exemplares de cozedura também redutora mas com espessuras ligeiramente menores do que no grupo anterior. As características mais reveladoras são os seus acabamentos, geralmente pouco cuidados, *cepillados* ou até intencionalmente rugosos (Fig. 9, n.º

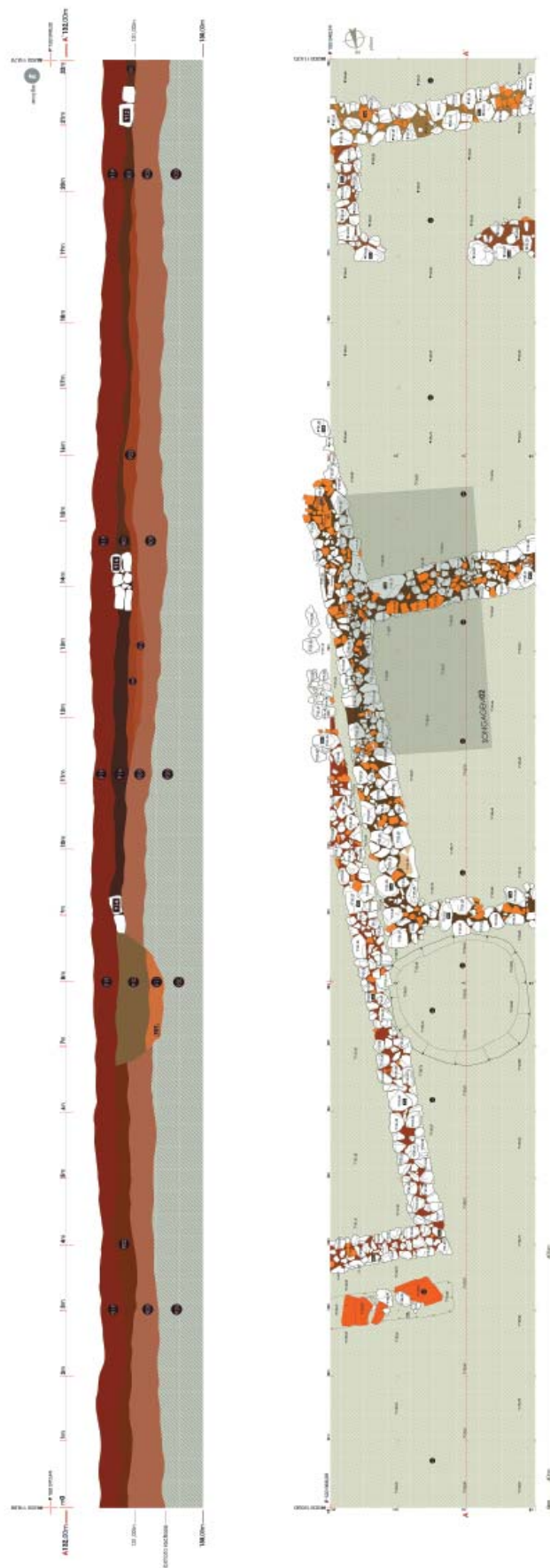


Fig. 8.— Monte do Pombal 2. Planta e secção da sondagem 2/9 com implantação das estruturas romanas e níveis da Idade do Ferro.

<sup>10</sup> Antunes 2009: 173.

<sup>11</sup> Jiménez Ávila *et al.* 2005: fig. 13, n.º 8.



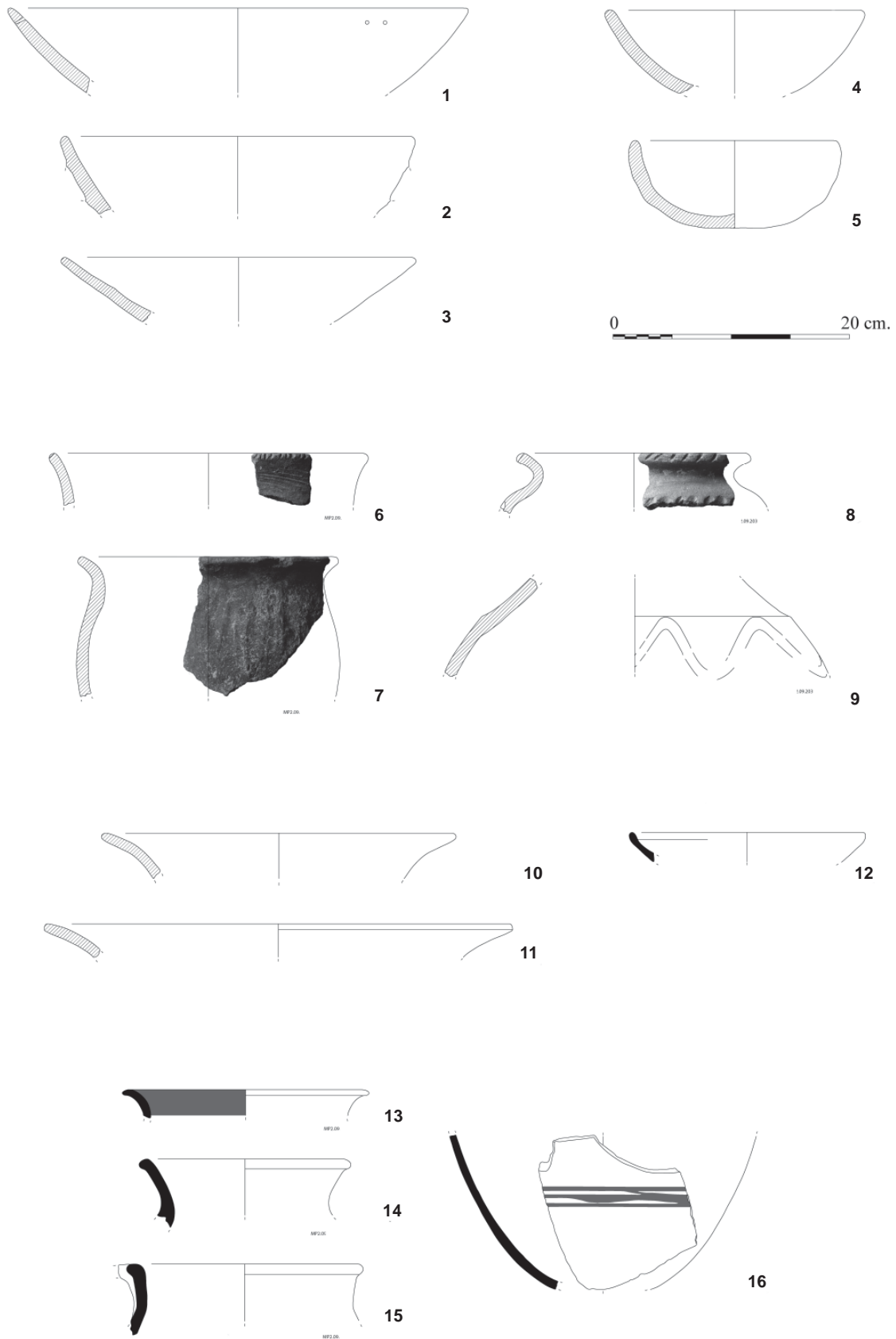


Fig. 9.— Produções e formas cerâmicas do Monte do Pombal 2.

6 e 7), e as tipologias, quase reservadas para os potes/panelas de perfil globular ou ovoide com colos curtos e côncavos e bordos voltados para o exterior. Os diâmetros das bocas situam-se preferencialmente nos 22-27 cm, enquanto as decorações, ausentes no grupo das taças/tigelas, assomam agora em forma de impressões lineares no lábio das peças e de sequências de digitações horizontais localizadas perto dos diâmetros máximos dos bojos.

De forma mais esporádica surgem fragmentos que parecem corresponder a peças de armazenagem que apresentam morfologias fortemente esvasadas nas bocas com diâmetros entre os 30 e os 40 cm (Fig. 9, n.º 10 e 11).

O conjunto não é particularmente generoso em elementos que permitam afinar a cronologia das peças: é o caso destes últimos exemplares, que lembram os vasos à *chardon*, tão habituais em contextos funerários durante o período orientalizante, mas para os quais também encontramos perfis similares em contextos mais avançados, como na própria necrópole de Medellín, na Azougada, em Castro Marim ou em El Castañuelo,<sup>12</sup> datados entre finais do século VI a.C. e inícios da centúria seguinte.

Esta fraca aptidão para a discriminação cronológica observa-se também em outros critérios identificadores deste grupo. Falamos, por exemplo, dos acabamentos *cepillados*, considerados como prováveis distintivos arcaizantes no panorama cerâmico da I Idade do Ferro do Sudoeste (Alto de São Gens, Rocha do Vigio 2 ou Moinho da Cinza),<sup>13</sup> mas que constituem também uma característica habitual das coleções manuais pós-orientalizantes, como acontece em Cancho Roano, La Mata, Los Caños ou Fernão Vaz.<sup>14</sup> O mesmo se aplica às decorações impressas/incisas realizadas nos bordos das peças, que têm as suas raízes no Bronze Final e que se instituem desde esta altura como uma das características decorativas mais reconhecíveis do povoamento do interior alentejano e estremenho até meados do século V a.C. Não queremos, contudo, deixar de mencionar a afinidade que parecem mostrar os exemplares decorados do Monte do Pombal 2 com outros procedentes do sítio da Herdade da Sapatoa 1,<sup>15</sup> datado entre os finais do século VI e a primeira metade do V a.C. Em contextos litorais como Cas-

tro Marim, estas ornamentações aparecem datadas principalmente no século VI a.C.,<sup>16</sup> desaparecendo por completo a partir da segunda metade do século V a.C. A decoração digitada ocorre no Alentejo Central e no Guadiana Médio até ao século V a.C., enquanto na Andaluzia e em Castro Marim desaparece em finais do VI a.C.<sup>17</sup> Consideramos poder sugerir um paralelo mais aproximado entre a decoração canelada em ziguezague sob suave carena do exemplar n.º 9 e a plasmada numa peça a roda, de grande tamanho, recuperada no nível I da estância O-2 de Cancho Roano.<sup>18</sup>

O primeiro grupo de peças realizadas a torno é integrado por um único fragmento de bordo de cerâmica cinzenta (Fig. 9, n.º 12), correspondente a uma taça de 20 cm de diâmetro com o bordo ligeiramente engrossado ao interior. Trata-se de uma tipologia muito abundante em contextos coloniais e indígenas dos séculos VII e VI a.C.,<sup>19</sup> mas que surge ainda em ambientes próprios já do século V a.C. (Cancho Roano, Medellín). Na Azougada, perfis similares inserem-se na Forma II.3 (iia),<sup>20</sup> do século V a.C. Encaixaria também entre aqueles pratos de calote esférica, característicos da variante 1C, presentes nas duas fases da necrópole de Medellín,<sup>21</sup> e no tipo 1B das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, enquadradas neste caso na segunda metade do século VI a.C.<sup>22</sup>

O último grupo de cerâmica a torno é integrado por sete fragmentos cerâmicos de secção fina (5-7 mm), elaborados com uma pasta de cor cinzenta no cerne e ocre claro nas superfícies, muito decantada e de textura suave (Fig. 9, n.º 13 a 16). No conjunto integram-se sem dúvida diversas tipologias, mas são os contentores fechados, com bordos esvasados e colos côncavos ou moderadamente desenvolvidos, as peças que se encontram melhor representadas. Perfis afins a estes, que provavelmente evocam os mais antigos *pithoi*, encontram-se, por exemplo, nas formas D1, D2 e D3 de La Mata<sup>23</sup> ou nos que caracterizam o período Turdetano I em Huelva.<sup>24</sup> Particularmente expressivo é o caso de Castro Marim, onde as cerâmicas pintadas em bandas sobre *pithoi* orientalizantes abun-

<sup>12</sup> Antunes 2009: 248-249; Oliveira 2008: 450; Jiménez Ávila 2009: fig. 9.

<sup>13</sup> Calado e Mataloto 2008: 187-192.

<sup>14</sup> *Vid.* por exemplo Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 223 e 226; Rodríguez Díaz *et al.* 2006: 96-97.

<sup>15</sup> Mataloto 2004b: ests. XIX, XX, XXIX e XXX.

<sup>16</sup> Oliveira 2008: 457.

<sup>17</sup> *Ibidem*: 463.

<sup>18</sup> Celestino e Jiménez Ávila 1996: fig. 70.

<sup>19</sup> Vallejo 2005: 1156.

<sup>20</sup> Antunes 2009: 139s.

<sup>21</sup> Lorrio 1988-89: 308-311.

<sup>22</sup> Arruda *et al.* 2000.

<sup>23</sup> Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 245-251.

<sup>24</sup> Rufete 2002: 164.



Fig. 10.— Salsa 3. Vista geral da área escavada com indicação da U.E. 30 (interior do círculo).

dam no século VI a.C., desaparecendo por completo em contextos atribuíveis à segunda metade da seguinte centúria.<sup>25</sup> Não devemos descurar ainda a significativa ausência destas produções em El Palomar, que poderia apontar para datas inseridas já no século V a.C. para a presença destas peças no Guadiana Médio.<sup>26</sup>

Em suma, e atendendo também às ausências detectadas no espólio (perfis carenados, ornatos brunidos, taças tipo Cástulo, cerâmica pintada de tipo dito ibérico), os materiais de Monte do Pombal 2 abrangem uma cronologia que pode balizar-se de forma prudente entre o século VI a.C., especialmente a sua segunda metade e meados do século V a.C. Este enquadramento poderia levar a considerar Monte do Pombal 2 um sítio de planície semelhante àqueles que na região centro-alentejana representam a consolidação do processo de ocupação rural iniciado desde finais do século VII a.C.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Arruda e Freitas 2008: 435 e 439.

<sup>26</sup> Jiménez Ávila e Ortega 2008: 257.

<sup>27</sup> Mataloto 2007: 149-153.

### 2.3. SALSAS 3

As escavações arqueológicas realizadas em Salsa 3 (Serpa) foram dirigidas por M. de Deus e A.S. Antunes no âmbito do projecto de Investigação *O Bronze Final do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. Fortificações, Áreas Rituals, Cronologias*, coordenado por António Monge Soares. Em Salsa 3 há, pelo menos, dois núcleos de ocupação, tendo a escavação incidido no núcleo 2 onde, em meados do século XX, a abertura de uma vala para construção de uma linha de caminho-de-ferro cortou estruturas negativas que ficaram expostas nos taludes da trincheira. Trata-se de um *habitat* de planície com ocupações do Bronze Final (7 fossas tipo “silo” e 2 fundos de cabana<sup>28</sup>) e da Idade do Ferro.

Os materiais e contextos da Idade do Ferro aqui tratados referem-se à fossa 2 e à U.E. 30. A fossa 2 forneceu restos osteológicos de *Bos taurus* associados a fragmentos cerâmicos pertencentes sobretudo a um grande contentor cerâmico de per-

<sup>28</sup> Deus *et al.* 2009; Antunes *et al.* 2012a.

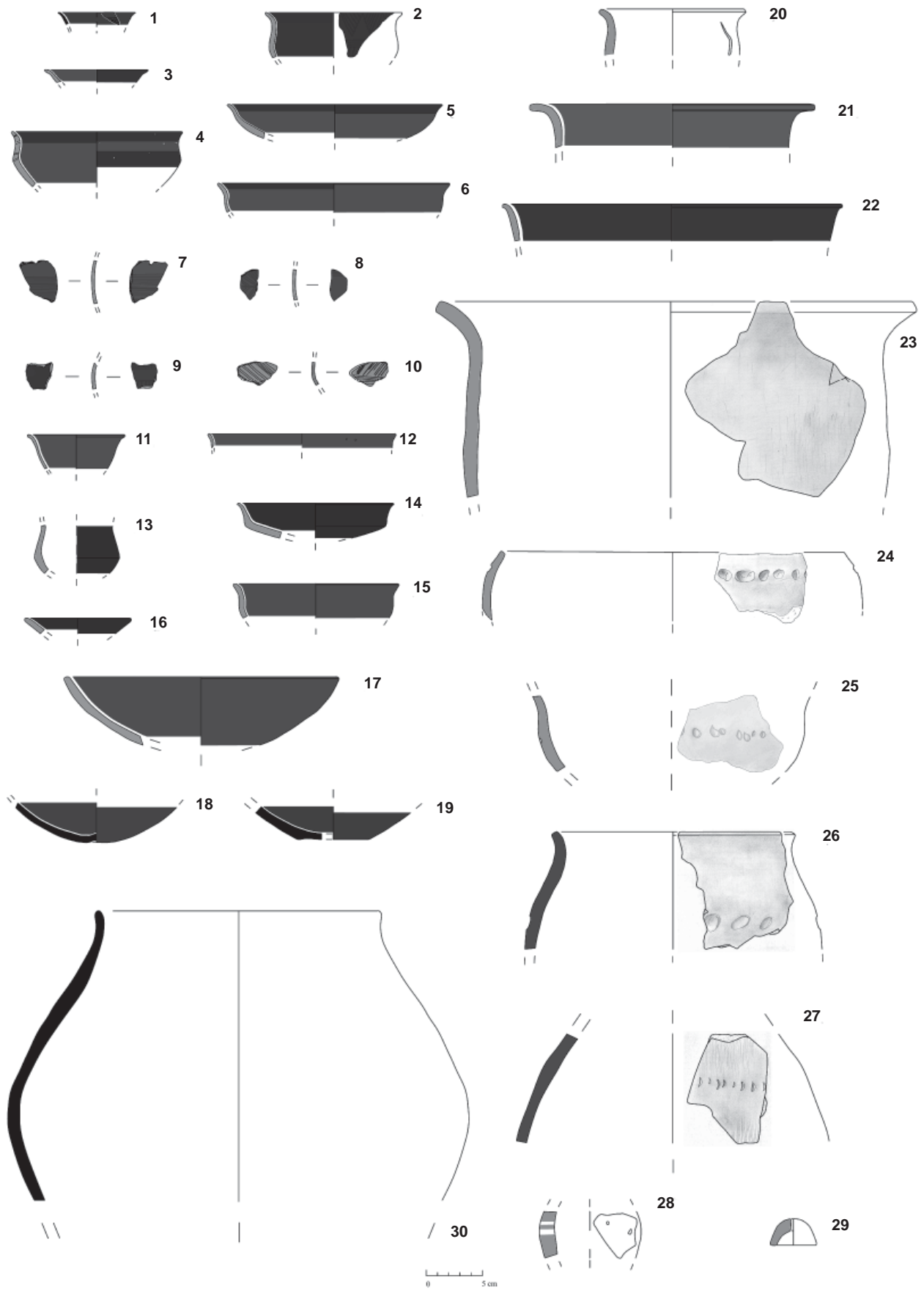


Fig. 11.— Salsa 3. Cerâmica da U.E. 30 (n.º 1-20) e da fossa 2 (n.º 30).

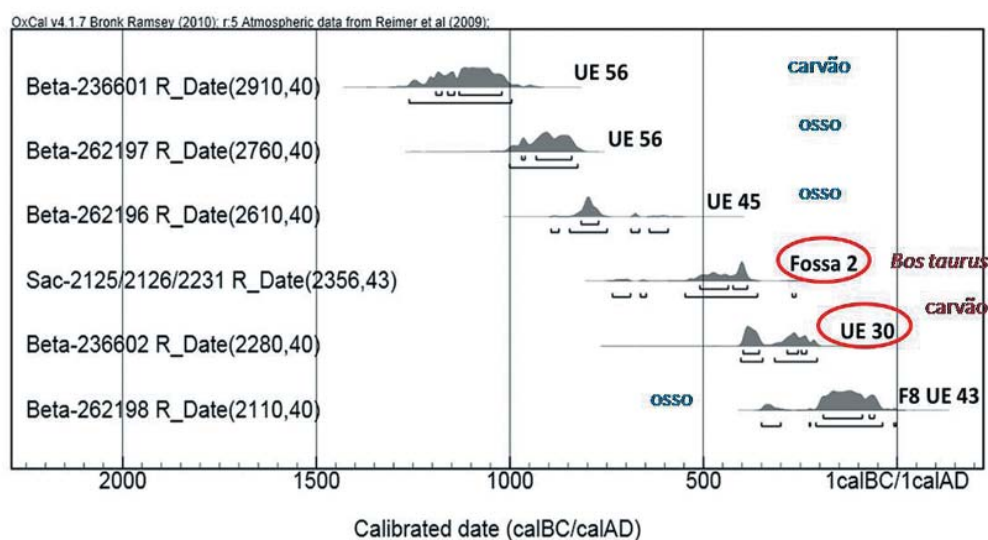


Fig. 12.— Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono calibradas obtidas para a Salsa 3, tendo por base a curva IntCal01 (Reimer et al. 2001) e fazendo uso do programa OxCal v4.0.5 (Bronk Ramsey 2001).

fil em S.<sup>29</sup> O seu enchimento foi datado pelo radiocarbono da I Idade do Ferro (Sac-2125/2126/2231 2356 ± 43 BP – 550-360 cal BC). A morfologia e a dimensão da fossa 2 distinguem-se das restantes, o que poderá ter um significado tanto funcional como cronológico. A U.E. 30 preenche uma depressão escavada no substrato geológico, no nível superior do enchimento do “fundo de cabana” Norte e num nível de abatimento do “fundo de cabana” Sul (Fig. 10). O conjunto artefactual é predominantemente cerâmico, destacando-se os fabricos manuais e as cozeduras redutoras. A análise e interpretação da U.E. 30 apresentam vários constrangimentos, nomeadamente a sua obliteração por acções destrutivas recentes, o facto de poder incorporar materiais provenientes dos depósitos subjacentes, especialmente do preenchimento do fundo de cabana Norte,<sup>30</sup> a fraca representatividade da amostra e a dimensão reduzida dos fragmentos.

Os potes incluem recipientes de cozedura redutora, com pastas pouco depuradas e superfícies alisadas e *cepilladas* e bordos ligeiramente esvasados (Fig. 11, n.º 20, 26 e 27), bem como escassos exemplares de cozedura oxidante, com pastas mais depuradas e superfícies alisadas ou brunidas (Fig. 11, n.º 21 e 22). As bacias/alguidares (Fig. 11, n.º 23 a 25) têm pastas compactas e superfícies alisadas, por ve-

zes *cepilladas* e bordo reentrante com corpo de tendência globular, à excepção de um exemplar com bordo muito esvasado e uma marca incisa no bojo (n.º 23). Nas tigelas predominam recipientes de paredes finas (3 a 5 mm) ou muito finas (até 3 mm), de cozedura redutora, com pastas depuradas, superfícies brunidas ou polidas, de perfil em S, com engobe espesso polido castanho em ambas as superfícies, não sendo de excluir a possibilidade de fabrico com recurso a torno ou a molde (Fig. 11, n.º 1 a 12 e 15). É de destacar a raridade de taças carenadas (Fig. 11, n.º 14) e a escassez de taças troncocónicas e hemisféricas (Fig. 11, n.º 16 e 17). Regista-se ainda um fragmento de cossoiro (Fig. 11, n.º 29), um bojo com perfurações (n.º 28) e quatro fundos, dois planos, um com ônfalo (Fig. 11, n.º 18), que podemos situar na tradição da cerâmica do Bronze Final regional mas que perdura na Idade do Ferro, e outro em bolacha (n.º 19), o único claramente filiado na Idade do Ferro. As técnicas decorativas incluem a pintura, a impressão e, num pequeno fragmento de bordo, os ornatos brunidos (Fig. 11, n.º 1).

Em 10 exemplares com paredes finas e muito finas, bem polidas, foi executada uma pintura, maioritariamente a vermelho, em alguns casos em ambas as faces, sendo marcante a presença de uma banda vermelha paralela ao bordo, no interior, que pode encontrar-se em simultâneo no exterior. Em 3 casos identificam-se motivos geométricos, concretizados no exemplar melhor conservado em triângulos preenchidos por linhas oblíquas, organizados a partir de linhas horizontais. Nos poucos casos em que a reconstituição morfológica é possível, corres-

<sup>29</sup> Deus et al. 2009: fig. 4, n.º 4 e fig. 13, n.º 1.

<sup>30</sup> No presente artigo procede-se à revisão e actualização de desenhos anteriormente publicados, nomeadamente algumas das cerâmicas pintadas e um fragmento com marca, em Deus et al. 2009: fig. 17, n.º 3 e n.º 7 a 10, e em Antunes et al. 2012a: fig. 15.

pondem a taças de perfil em S, com a parede mais ou menos esvasada, originando perfis hemisféricos e globulares, sendo de notar uma maior semelhança formal da taça n.º 5 com os exemplares andaluzes. O n.º 4 tem a particularidade de conter pelo menos 6 perfurações de dimensão muito reduzida executadas pós-cozedura.

A combinação de linhas paralelas com triângulos preenchidos é comum na decoração da designada cerâmica pintada de estilo Carambolo, encontrando-se paralelos para os exemplares da Salsa 3, de um modo geral, nos sítios distribuídos pelas bacias hidrográficas dos rios Tinto, Odiel e Guadalquivir. O mesmo tipo de padrões decorativos está também muito bem representado na cerâmica de ornatos brunidos e pode encontrar-se igualmente na cerâmica incisa. A cronologia de produção e de utilização da cerâmica pintada de estilo Carambolo é ainda objecto de discussão, apontando alguns autores, como já foi referido aquando da apresentação deste tipo de cerâmica do Monte do Bolor 3, para o início da sua produção no século VIII, enquanto outros a situam entre o século IX e a primeira metade do século VIII.<sup>31</sup> No entanto, outros investigadores defendem que os exemplares tardios destas cerâmicas podem alcançar o século VI nas estratigrafias do Baixo Guadalquivir, nomeadamente em Setefilla.<sup>32</sup>

Na bacia do Médio e Baixo Guadiana português, este tipo de cerâmica pintada está registada por escassos exemplares, sem contexto estratigráfico associado, na Serra Alta (Moura) e em Mértola.<sup>33</sup> Para além dos exemplares de Salsa 3 e Monte do Bolor 3, assinala-se a sua presença na bacia do Guadiana, também em contexto de escavação, em Castro Marim, na foz do rio. Apesar das diferenças entre os dois tipos de sítio, este conjunto de Castro Marim ostenta algumas semelhanças com o de Salsa 3 ao nível dos perfis mais suaves das taças/tigelas e de alguns motivos decorativos, nomeadamente as bandas vermelhas paralelas ao bordo e os triângulos preenchidos. Embora ocorra sobretudo na Fase III de Castro Marim (2ª metade do século VII), alguns exemplares poderão eventualmente estar associados a uma ocupação anterior, ou mesmo ao Bronze Final.<sup>34</sup> Ainda que não se observem vestígios de pintura em algumas das taças/tigelas de Salsa 3 (Fig. 11, n.º 11 e 12), a identidade da morfologia com os

exemplares pintados de estilo Carambolo e a reduzida visibilidade da mesma, sugere que a pintura possa não se ter preservado naquelas peças.

As impressões lineares por meio de digitações, unguiações ou “unhadas” estão presentes em potes e bacias/alguidares (Fig. 11, n.º 24-27). Estas decorações são, por si só, de difícil filiação cronológica e cultural, já que se encontram no repertório cerâmico do Bronze Final, ainda que sejam consideradas um dos elementos característicos dos contextos do início da Idade do Ferro. São frequentes em diversos âmbitos geográficos, como a Beira Interior, o Alentejo Central e a Extremadura, encontrando-se particularmente bem representados na Andaluzia Ocidental. No Baixo Guadalquivir e na zona de Huelva são incluídas na Fase II, correspondente à época orientalizante.<sup>35</sup> De um modo geral, enquadram-se a partir de meados-finais do século VIII, conhecendo um auge no século VII e prolongando-se pelo século VI,<sup>36</sup> como será o caso do Passo Alto (Serpa).<sup>37</sup> No interior alentejano estão presentes no conjunto de materiais associados ao Bronze Final do Castelo do Giraldo<sup>38</sup>, bem como em contextos antigos da Idade do Ferro, como o Alto de S. Gens (século VII a.C.)<sup>39</sup> Estão representadas, no mesmo tipo de recipientes, nas fases II a IV do Castelo de Castro de Marim, com maiores semelhanças com os das fases II e III (apesar da ausência de bordos denteados e de incisões em Salsa 3), balizadas entre finais dos séculos VIII e VI a.C.

Das seis datas de radiocarbono obtidas para a Salsa 3, as mais antigas apontam para a ocupação de um dos fundos de cabana num qualquer “momento” entre os sécs. XII a IX a.C., o qual revelava, no topo do seu preenchimento, restos de um antigo nível de ocupação (U.E. 45), para o qual foi obtida uma datação lata que o situa algures dentro dos sécs. IX a VII a.C. (Fig. 12). Embora não exista relação estratigráfica directa entre ambos, a U.E. 30 não deverá ser significativamente posterior a este nível de ocupação. A data obtida por AMS a partir de uma amostra de carvão recolhida na U.E. 30 aponta para a II Idade do Ferro, o que não é concordante com a componente artefactual recolhida e deverá resultar de uma infiltração de outra ocupação residual do sítio, num momento mais tardio da Idade do Ferro, ainda não documentado ma-

<sup>31</sup> Torres 2002: 133s.

<sup>32</sup> Aubet 1982; Escacena 2000: 111.

<sup>33</sup> Soares 2005: 123; Barros 2012: 220.

<sup>34</sup> Oliveira 2006: 83.

<sup>35</sup> Ruiz Mata 1995.

<sup>36</sup> Guevara 1994; Morena 2000: 52s.

<sup>37</sup> Soares *et al.* 2010: 550.

<sup>38</sup> Mataloto 1999: 344.

<sup>39</sup> Mataloto 2004a: 160 e 165.

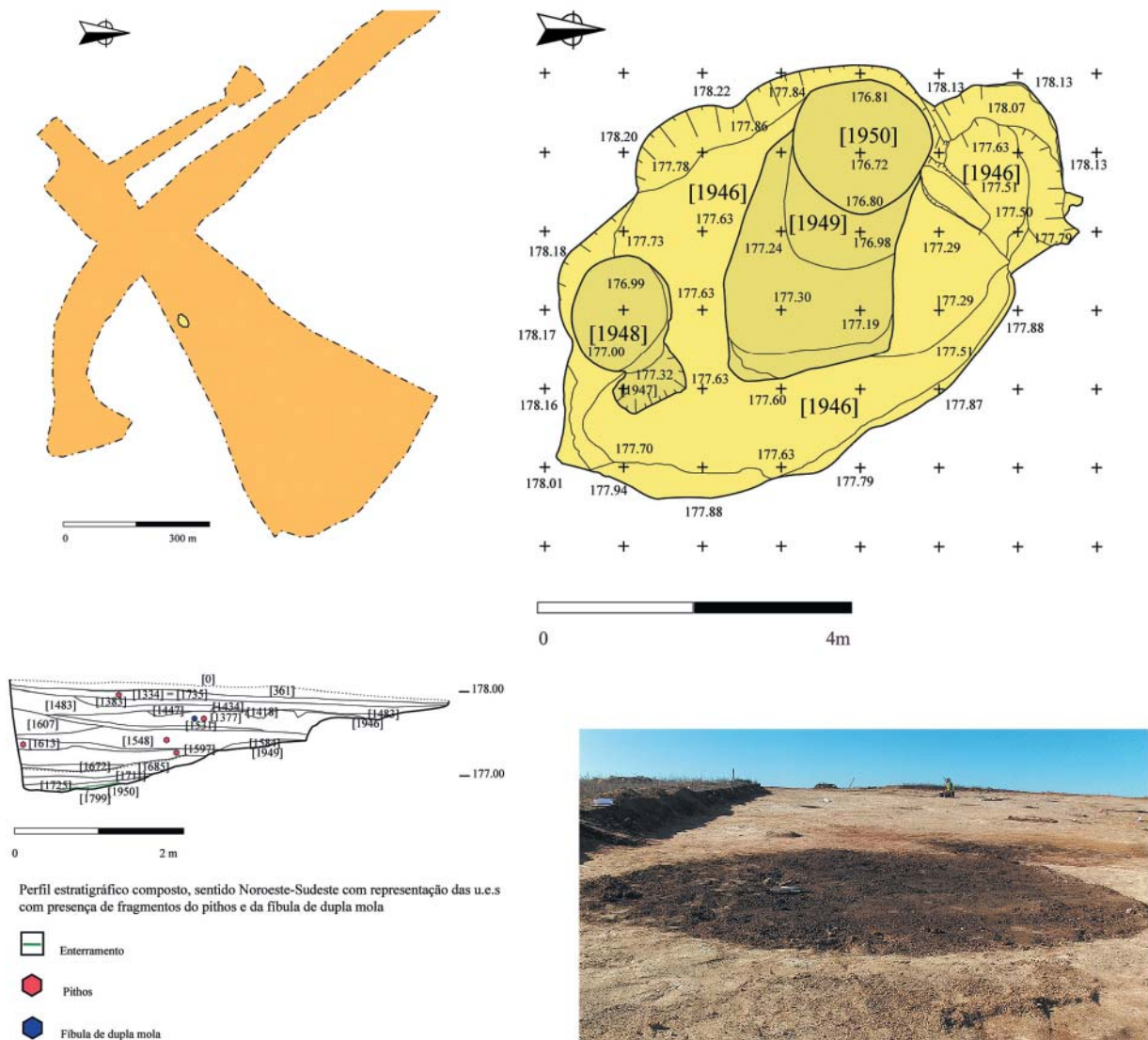


Fig. 13.— Torre Velha 3. Contexto da Idade do Ferro de Torre Velha 3, em planta e perfil.

terialmente, mas para o qual se obteve uma outra data de radiocarbono (Beta-262198 – ver Fig. 12).

Embora residual, o depósito UE 30 de Salsa 3, aparentemente associado a um contexto de despejo, e a fossa 2 remetem para a perduração das formas de ocupação territorial do Bronze Final regional<sup>40</sup> ao longo da Idade do Ferro, dita Orientalizante, nomeadamente na instalação em planície, em terrenos férteis. Problemática é a sua integração cronológica precisa, na ausência de datações absolutas e de sistematização da cultura material regional no segundo quartel do I milénio a.C., o que deriva em parte da escassez de sítios representados desta cronologia. Cautelosamente,

somos obrigados a ponderar um largo espectro de tempo que poderá abarcar os finais do século VIII e prolongar-se para o século VI a.C., dado o conjunto cerâmico revelar uma continuidade da tradição indígena do Bronze Final, com elementos de inspiração exógena, caso das cerâmicas pintadas de estilo Carambolo.

#### 2.4. TORRE VELHA 3

O sítio de Torre Velha 3 (Serpa) foi escavado por uma equipa da empresa Palimpsesto Lda. no âmbito do Projecto da EDIA S.A. *Minimização de Impactes sobre o Património decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*. Os trabalhos arqueológi-

<sup>40</sup> Antunes *et al.* 2012a.

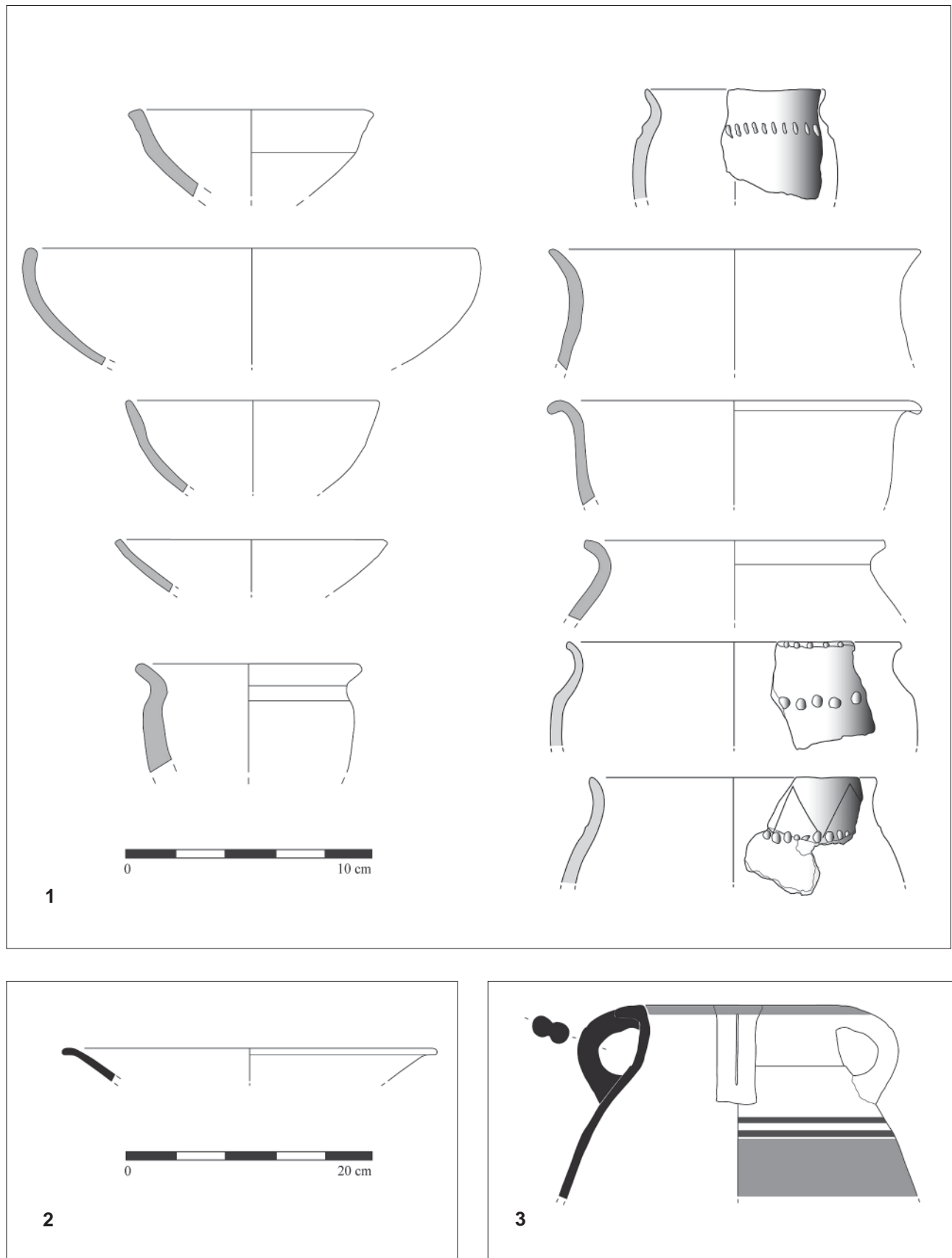


Fig. 14.— Torre Velha 3. Espólio da Idade do Ferro de Torre Velha 3. 1. Cerâmica manual, com e sem decoração; 2. cerâmica cinzenta; 3. Pithos.



cos compreenderam uma área total de intervenção com 13996 m<sup>2</sup>, na qual se aferiu uma diacronia marcada por hiatos, com ocupações do Calcolítico, da Idade do Bronze, da I Idade do Ferro, da Antiguidade Tardia e do período medieval-islâmico. Foram identificadas cerca de 600 estruturas arqueológicas, maioritariamente estruturas negativas, relacionadas tanto com contextos funerários como habitacionais.

A I Idade do Ferro está representada por um único contexto, uma área de despejo aberta no substrato geológico imediatamente localizada acima de dois dos 25 hipogeus da Idade do Bronze identificados. No interior desta vala/depressão de contornos circulares irregulares, com perto de 42 m<sup>2</sup> e cerca de 150 cm de profundidade, foram escavadas duas dezenas de depósitos, que foram interpretados como momentos de aterro/abandono, de maior ou menor extensão e potência estratigráfica (Fig. 13). Não foram identificados quaisquer sinais de momentos de construção e utilização primários.

A extensa maioria do espólio cerâmico corresponde a produções manuais, com predomínio de formas como os potes e os potinhos e as taças. As taças apresentam perfis hemisféricos, com maior ou menor curvatura, amplitude de bordo e profundidade e não possuem qualquer tipo de técnica ou motivo decorativo, com as superfícies, quando não são rugosas, simplesmente alisadas, brunidas ou polidas. Mais raras, as tigelas de Torre Velha 3 apresentam as superfícies tratadas por brunimento ou alisamento e algumas seguem as formas de algumas das taças, embora exista também um perfil ligeiramente carenado. Os potes e os potinhos têm, na sua grande maioria, bordos extrovertidos e perfis em S mais ou menos pronunciados. Os fundos são planos e as superfícies aparecem *cepilladas* ou brunidas, demonstrando uma continuidade das formas do Bronze Final. As decorações dos potes e dos potinhos são simples, com linhas incisadas nos bojos das peças, por vezes mais ou menos largas nos bojos e bordos, criando nestes um aspecto dentado. Outros bojos apresentam incisões em forma de triângulo (Fig. 14.1).

Na cerâmica cinzenta, o exemplar agora dado à estampa oferece muitas incertezas no momento de o classificar morfológicamente. Apresenta um bordo aplanado e relativamente curto (Fig. 14.2) com algumas semelhanças com a forma 2C da Alcáçova de Santarém ou com o Tipo 2 da Sé de Lisboa,<sup>41</sup> ta-

ças e pratos, respectivamente, usados à mesa para consumo de alimentos sólidos. Em ambos os sítios, são formas muito pouco representadas. Em Santarém, a forma 2 e suas variantes encontram-se presentes em toda a estratigrafia sidérica, embora sejam mais abundantes nos níveis antigos e médios.<sup>42</sup> É um dos locais onde a presença destas produções é das mais antigas, fundamentalmente fabricadas entre a segunda metade do século VIII a.C. e o século VI a.C.<sup>43</sup> Em Lisboa, o Tipo 2 integra um conjunto que conhece uma cronologia relativamente tardia, da segunda metade do século VI a.C.<sup>44</sup> São peças raras noutros sítios portugueses. Na região Sul, existem em Alcácer do Sal,<sup>45</sup> em níveis datados entre os séculos VII e VI a.C.

O recipiente de Torre Velha 3, atendendo a este cenário e à sua associação com outros artefactos, aponta uma cronologia centrada entre os séculos VII e VI a.C. e promove a inserção de um local do interior no mapa da distribuição desta produção cerâmica, muito abundante nos sítios do Levante e da Andaluzia, estendendo-se também para a Extremadura,<sup>46</sup> área onde os dados da necrópole de Medellín não são de descurar. É possível observar algumas semelhanças da peça baixo-alentejana com o subtipo 4-A2a daquela necrópole estremehna, um recipiente da Fase I da necrópole, balizada entre o último terço do século VII a.C. e o início do 2º quartel do século VI a.C.<sup>47</sup> Mais a Sul e pelo litoral, a presença de cerâmica cinzenta em Castro Marim desde meados do século VIII a.C.<sup>48</sup> fornecerá as pistas para um dos circuitos privilegiados para a entrada no interior do torno de oleiro, o da via do Guadiana.

O *pithos* foi recolhido em perto de noventa fragmentos disseminados por oito dos 20 depósitos identificados durante a escavação. A grande novidade agora dada à estampa é a aferição de uma peça com quatro asas (Fig. 14.3). Este facto poderá, na esteira do que defendem alguns autores, ser sinónimo de um recipiente com uma cronologia mais antiga, como a atribuída, a título de exemplo, a um *pithos* de Chorreras, datado do século VIII a.C.<sup>49</sup> No entanto, outros exemplares com afinidades formais com o recipiente de Torre Velha 3, com

<sup>41</sup> Arruda 1999-2000: 199s., fig. 135, n.º 38, 39, 43 e 44; Arruda *et al.* 2000: 46.

<sup>42</sup> Arruda 1999-2000: 200.

<sup>43</sup> Vallejo 2005: 1153.

<sup>44</sup> Arruda *et al.* 2000: 48.

<sup>45</sup> Arruda 1999-2000: 69; Silva *et al.* 1980-82: 163.

<sup>46</sup> Arruda *et al.* 2000: 48. Vallejo 2005: 1153s., fig. 2.

<sup>47</sup> Lorrio 1988-89: 292, fig. 6; 293 e 311.

<sup>48</sup> Arruda 1999-2000: 41.

<sup>49</sup> Martín Ruiz 1995: 118-120.

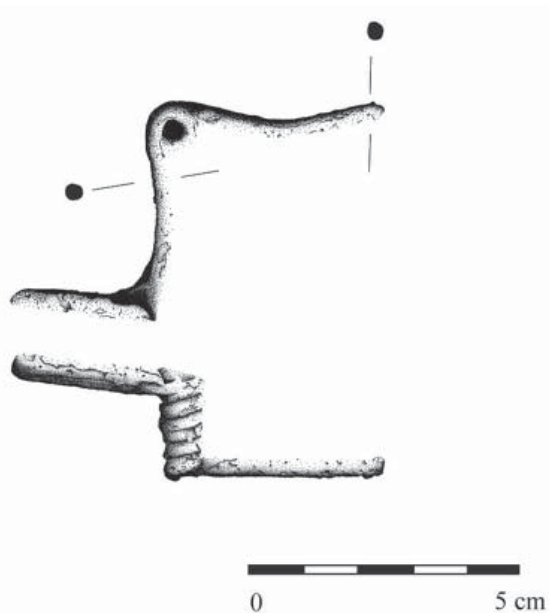


Fig. 15.— Torre Velha 3. Fíbula de dupla mola.

cronologias mais recentes, parecem aferir uma perduração do fabrico de peças com quatro asas. Um dos *pithoi* dos níveis médios da ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém apresenta afinidades ao nível da forma e do perfil do bordo, no número de asas e no desenvolvimento do colo, numa peça datada entre a segunda metade do século VII a.C. e os finais do século seguinte.<sup>50</sup>

O recipiente de Torre Velha 3 encontra-se datado da segunda metade do século VII a.C. e é o primeiro exemplar baixo-alentejano publicado,<sup>51</sup> o que augura uma antiguidade para a Idade do Ferro no interior português que não é de somenos importância. Nos sítios litorais de Alcácer do Sal e de Abul A são datados, respectivamente, de entre o último quartel do século VII – inícios do século seguinte e de entre o 2º quartel/meados do século VII a.C.; em Castro Marim encontram-se desde meados do século VII a.C. e em Tavira numa ocupação iniciada na segunda metade do século VII a.C. eventualmente centrada nos inícios do século seguinte.<sup>52</sup> Já noutros sítios sidéricos deste território meridional, nem sempre os dados são seguros quanto a uma classificação morfológica e/ou inscrevem-se em cronologias mais tardias.<sup>53</sup> Por outro lado, estudos em torno da necrópole estremenha de Medellín oferecem a garantia da presença de um

recipiente com quatro asas dentro da Fase I, balizada entre 675-650/625-575 a.C.<sup>54</sup>

A fíbula de dupla mola de Torre Velha 3 (Fig. 15) corresponde ao subtipo 3-A de Ponte.<sup>55</sup> Em Torre Velha 3, dada a sua associação ao restante material, deverá datar da segunda metade do século VII a.C. Está presente em cronologias vinculadas ao Bronze Final nos sítios do Alto Alentejo (Corôa do Frade, Arraiolos, Vaiamonte) e nos sítios da Península de Lisboa (Almaraz e Quinta do Marcelo) em contextos nem sempre seguros.<sup>56</sup> No Baixo Alentejo está presente na segunda metade do século VIII a.C., na Fase 1-a, da I Idade do Ferro, do Castro dos Ratinhos (Moura),<sup>57</sup> num sítio que conhece uma ocupação do Bronze Final.

Um mapeamento recentemente elaborado em torno deste artefacto mostra uma origem da sua produção na Andaluzia, durante o século VIII a.C. inspirada em modelos sicilianos. Expandiu-se rapidamente para Oeste, conforme indicia a cronologia que lhe foi atribuída no Castro dos Ratinhos. A sua difusão para Norte é observada ao longo do século seguinte nos sítios estremelhos e surge na Meseta em finais do século VII – inícios do século VI a.C.<sup>58</sup> Os dados da necrópole estremenha de Medellín são, mais uma vez, por demais importantes, desta feita pelo facto de que a cronologia deste subtipo de fíbula se encontra assegurada pela associação a *pithoi* de quatro asas.<sup>59</sup>

As fíbulas baixo-alentejanas são enquadráveis nos contactos comerciais do Guadiana com o litoral meridional, durante a segunda metade do século VIII a.C. no Castro dos Ratinhos e ao longo da segunda metade do século seguinte em Torre Velha 3.

Sobre a cronologia dos vestígios de Torre Velha 3, podemos ensaiar uma breve leitura, relacionando a estratigrafia identificada e a cronologia dos artefactos.

Por um lado, a cronologia dos materiais arqueológicos conduz a uma datação balizada entre a segunda metade do século VII e o século VI a.C.; por outro lado, a cronologia da deposição destes materiais dá conta da presença do mesmo *pithos* ao longo da estratigrafia de enchimentos, o que prova uma amortização relativamente rápida, ocorrida num espaço de tempo relativamente curto. Por

<sup>50</sup> Arruda 1999-2000: 194, 192, fig. 127.

<sup>51</sup> Estrela *et al.* 2012.

<sup>52</sup> Mayet e Silva 2000: 39, 41, 72 e 73; Arruda 2005a: 289; 2005b: 50; Maia 2000: 23, fig. 11.

<sup>53</sup> Estrela *et al.* 2012: 247 e 253.

<sup>54</sup> Torres 2008a; 2008b: 656.

<sup>55</sup> Ponte 2006: 106.

<sup>56</sup> Estrela *et al.* 2012: 249-251.

<sup>57</sup> Berrocal-Rangel e Silva 2010: 304.

<sup>58</sup> Miguez 2010: 50-54; Estrela *et al.* 2012: 245s.

<sup>59</sup> Torres 1999: 106s.; 2008a; 2008b; Estrela *et al.* 2012: 254.

fim, mas não no fim, deverá atender-se à cronologia da ocupação, algo dilatada no tempo – um século e meio no máximo.

Este último dado contrasta com a leitura que se faz acerca da tipologia e funcionalidade da estrutura negativa de Torre Velha 3. Trata-se de uma zona de despejo rapidamente preenchida com materiais procedentes de um núcleo habitacional que não foi identificado. A cronologia da ocupação, depreendida dos materiais (e não da cronologia da sua deposição) deixa entender a presença de uma comunidade humana que estabelece uma relação permanente na área.

### 3. DISCUSSÃO

Procurar definir um cenário interpretativo a partir dos contextos de planície apresentados neste trabalho constitui desde logo uma tarefa que exige necessariamente cautela, na medida em que esbarra na limitação dos dados disponíveis, tanto os emanados dos sítios estudados, como os relativos à realidade arqueológica conhecida regionalmente, no interior da peneplanície do Baixo Alentejo, na primeira metade do I milénio a.C. Não obstante, os sítios aqui analisados testemunham o papel que a planície manteve ao longo desse período de tempo, onde parece existir uma continuidade genérica na ocupação do território desde o Bronze Pleno ao Bronze Final<sup>60</sup> e que perdura para a II Idade do Ferro, conforme demonstram Monte do Bolor 3 e Salsa 3.

Desconhece-se, todavia, se ocorreu uma continuidade de ocupação imediata nos sítios onde estes contextos se registam, como no caso de Torre Velha 3, onde a fossa preenchida por materiais sidéricos se documenta num vasto sítio do Bronze Pleno com ocupação habitacional e funerária, ou sobretudo, no caso de Salsa 3, sítio com ocupação do Bronze Final, onde o depósito sidérico é posterior ao nível de ocupação (U.E. 45) de um dos fundos de cabana, cujo intervalo de datação abarca os séculos IX a VII a.C. Já no Monte do Bolor 3 e no Monte do Pombal 2 não se registaram, nas áreas escavadas, contextos da Idade do Bronze.

Com excepção para Torre Velha 3 e Monte do Bolor 3, onde as áreas escavadas alcançaram uma grande dimensão, Salsa 3 e Monte do Pombal 2 não nos permitem discutir o tipo de ocupação destes sítios, dada a sua natureza residual, secundária

e truncada. Ainda assim, em Torre Velha 3, apesar da extensa área escavada, os testemunhos sidéricos resumem-se a um contexto de despejo. Outras realidades acompanhavam certamente em cada sítio os vestígios sidéricos preservados, tendo sido todavia obliteradas pelas ocupações posteriores e pelo aproveitamento agrícola dos solos. É, portanto, no Monte do Bolor 3, que encontramos evidências de uma ocupação com cariz permanente (que poderemos eventualmente intuir para o restante povoamento coevo), não só pelas estruturas detectadas, com destaque para a localizada na fossa 101, de matriz pétrea e de planta circular (que poderá corresponder a um forno), como também pela provável associação à necrópole do Monte do Bolor 1.

No que respeita à funcionalidade destes sítios, assume-se um cariz habitacional para o Monte do Bolor 3, em virtude das estruturas registadas, não podendo, em rigor, efectuar-se uma interpretação para os restantes, embora se possa afirmar que, nas áreas escavadas, não assumem uma tónica funerária. Intui-se um panorama de ruralidade, não só pela aparente simplicidade das estruturas detectadas, mas sobretudo porque estes sítios parecem estar relacionados com o aproveitamento das condições favoráveis das suas áreas de envolvência para práticas agropastoris, com amplitudes ainda desconhecidas. A presença de elementos de fiação, nomeadamente de cossoiros, é reveladora da exploração de produtos decorrentes da criação de gado, nomeadamente de ovicaprídeos.

Não é ainda perceptível a relação que estes sítios de planície têm, tanto entre si, como com outras formas de povoamento sidérico, no que interfere também a incerteza quanto à sua cronologia concreta. Na margem esquerda do Guadiana, o sítio do Castelo de Serpa, a cerca de 12 km para Oeste de Torre Velha 3, destaca-se na paisagem. A existência de um fosso que recuará ao Bronze Final, colmatado no final do século VI a.C. ou no início do século seguinte<sup>61</sup> dá provas de urbanismo, também reconhecíveis a partir do século VI a.C. nas construções de planta ortogonal do Passo Alto (Serpa)<sup>62</sup> e da Azougada (Moura).<sup>63</sup> Na centúria seguinte, destaca-se a implementação de uma tipologia arquitectónica, disseminada na Extremadura, baseada em edifícios singulares, de que é exemplo o Cabeço Redondo, em Moura.<sup>64</sup>

<sup>60</sup> Antunes *et al.* 2012a.

<sup>61</sup> Antunes *et al.* 2012b; Antunes *et al.* neste volume.

<sup>62</sup> Soares *et al.* 2009; Antunes *et al.* neste volume.

<sup>63</sup> Antunes 2009.

<sup>64</sup> Soares 2012; Soares e Soares neste volume.

Um dos maiores problemas que se coloca na análise dos contextos abordados neste artigo é a aferição da sua cronologia, por um lado devido à incipiência da sistematização crono-tipológica dos conjuntos artefactuais do Sudoeste peninsular da primeira metade do I milénio a.C., sobretudo do seu segundo quartel, dada a escassez de sítios conhecidos e, por outro, devido à raridade de datações radiométricas que permitam apurar a cronologia dos contextos em presença, baseando-se inevitavelmente as análises artefactuais em paralelos morfológicos que não estão isentos de latas dia-cronias de produção e de utilização, nem de controvérsia quanto às balizas temporais nas quais se implementam. Os intervalos de tempo nos quais se inserem os contextos aqui estudados são por isso cautelosamente latos, até que novos dados possibilitem determinar com maior segurança cronologias mais finas, inserindo-se genericamente entre finais do século VIII e meados do século V a.C., embora com maior incidência aparentemente nos séculos VII e VI a.C.

Para o Monte do Bolor 3 é proposta uma cronologia situada entre os séculos VII e VI a.C., ainda que a centúria de Quatrocentos não seja descartada. O arcaísmo de parte do conjunto cerâmico sugere, porém, uma maior antiguidade, dada a aproximação morfológica e tecnológica às produções do Bronze Final. Em Torre Velha 3, a análise dos elementos exógenos do conjunto artefactual faz situar a ocupação entre a segunda metade do século VII e o final do século VI a.C. Em Salsa 3, não obstante a datação absoluta do nível de ocupação mais recente do Bronze Final (U.E. 45) apontar para um espectro temporal balizado entre os séculos IX a VII a.C., a cultura material sugere que seja ponderado um intervalo de tempo lato, situado entre finais do século VIII e do século VI a.C. para a U.E. 30, para além de um genérico enquadramento na I Idade do Ferro para a fossa 2. Os contextos do Monte do Pombal 2 parecem ser os mais recentes e enquadrar-se no designado período Pós-Orientalizante, particularmente entre o século VI a.C., sobretudo na segunda metade da centúria, e meados do século V a.C.

Com excepção do Monte do Pombal 2, os restantes contextos podem enquadrar-se cronologicamente na moldura conceptual que tem vindo a ser designada pela investigação como Período Orientalizante.<sup>65</sup> A análise da cultura material e das es-

cassas tipologias construtivas, nas quais podemos observar alguma continuidade relativamente ao Bronze Final (ou um arcaísmo), revelam no entanto que, até ao século VI a.C., não se efetuou uma aculturação das populações indígenas radicada numa influência orientalizante na peneplanície do Baixo Alentejo. Os escassos materiais exógenos e de filiação orientalizante existentes reflectem eixos comerciais, de circulação de bens, que estabelecem a ligação deste território, facilmente transponível, com as bacias hidrográficas do Tejo, do Sado e do Guadiana e, na Baixa Andaluzia, dos rios Tinto, Odiel e Guadalquivir.

Não obstante a presença de alguns elementos exógenos ou de inspiração forânea, de matriz orientalizante, tartéssica ou mediterrânica, a cultura material dos quatro sítios aqui apresentados mantém uma vincada tónica indígena, que manifesta uma continuidade relativamente à tradição oleira do Bronze Final. Regista-se um predomínio das cozeduras redutoras relativamente às oxidantes e da cerâmica manual face à torneada, resultando a presença desta de importações (não se aferindo percentagens dada a nula representatividade estatística da amostra). É o caso da cerâmica cinzenta do Monte do Bolor 3, do Monte do Pombal 2 e da Torre Velha 3, sítio onde se destaca ainda um *pithos* e uma fíbula de dupla mola.

A estes elementos podem acrescentar-se, no Baixo Alentejo, na margem esquerda do Guadiana, a cerâmica cinzenta do Passo Alto (Serpa),<sup>66</sup> os fragmentos de ânfora de tipo R1/10.1.2.1 do Castelo de Serpa,<sup>67</sup> os vasos de engobe vermelho, os potes de tipos 8 e 11 de Tiro, as ânforas de tipos 7-10 de Ramon do Castro dos Ratinhos (Moura)<sup>68</sup> e o *thymiaterion* de Safara (Moura)<sup>69</sup> e, na margem direita do rio, as urnas Cruz del Negro, as ânforas de tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1 e algumas cerâmicas de engobe vermelho de Mértola,<sup>70</sup> bem como alguns dos artefactos presentes nas necrópoles descobertas nos últimos anos na região de Beja, como o *oenochoe* da Carlota, o *oenochoe*, a fíbula de tipo Alcores, o fecho de cinturão de dois garfos, os conjuntos de toucador de bronze, o escarvalho, as contas e o pendente em forma de bolota de prata e as contas de pasta vítrea de Palhais, os escarvalhos, os fechos de cinturão, as fíbulas e os con-

<sup>66</sup> Soares *et al.* 2009; Antunes *et al.* neste volume.

<sup>67</sup> Antunes *et al.* neste volume.

<sup>68</sup> Berrocal-Rangel e Silva 2010.

<sup>69</sup> *E.g.* Jiménez Ávila 2002: 401 e 459, n.º 69.

<sup>70</sup> *E.g.* Barros 2008 e 2012.

<sup>65</sup> Veja-se uma sistematização deste assunto em Torres 2002: 30-37.

juntos de toucador de bronze, as contas de pasta vítrea da Vinha das Calças, as contas de faiança egípcia de Palhais e de Montinhos 6, cuja presença no Baixo Alentejo, a par de contas de vidro e de ovo de avestruz, se rastreia já no Bronze Final, no hipogeu do Monte da Ramada 1, entre outras peças.<sup>71</sup>

No interior do Alentejo, sujeito a processos distintos dos sítios do litoral, durante o segundo quartel do I Milénio a.C., é usual a presença de cerâmica manual em quantidades elevadas, começando a decrescer paulatinamente nos registos arqueológicos apenas a partir do século V a.C., sobretudo em locais com características mais urbanas.

Nos conjuntos em estudo, é residual a presença de decoração de ornatos brunidos, de fundos em ônfalo e de taças carenadas (Monte do Bolor 3 e Salsa 3), assistindo-se ao suavizar das carenas, que dão origem a perfis em S, aos quais se somam os troncocónicos e os hemisféricos.

Na cerâmica manual é frequente, em todos os sítios aqui estudados, a presença de recipientes com decoração impressa, ungulada e digitada horizontalmente no colo, predominando em recipientes fechados, mas ocorrendo também em algumas bacias/alguidares (em Salsa 3), os quais se encontram disseminados pelo Sudoeste peninsular, entre os séculos VIII e VI a.C.<sup>72</sup> Em Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2 e Torre Velha 3 regista-se também decoração incisa, aplicada no bordo dos recipientes, originando os designados bordos denteados, comuns em sítios do Alentejo Central, onde se podem prolongar até ao início do século V a.C. (Espinhaço de Cão 1, Sapatoa 1 e 3)<sup>73</sup> e, no caso do Monte do Bolor 3 e de Torre Velha 3, estendendo-se também ao corpo dos recipientes, formando motivos geométricos, conforme se pode encontrar na margem direita do Guadiana, na Folha do Ranjão (Beja)<sup>74</sup> e na Andaluzia Ocidental, entre os séculos VIII e VI a.C.<sup>75</sup>

Os recipientes fechados decorados presentes em todos os sítios aqui estudados traduzem peças de tamanho médio e grande, com perfis em S e

bordos esvasados, colos pouco desenvolvidos, corpos ovoides ou globulares e fundos planos. Estas formas podem ser rastreadas na olaria do Bronze Final, generalizando-se por todo o Sudoeste peninsular desde o século VIII, podendo perdurar até ao século V a.C., como demonstram as estratigrafias dos sítios extremos de Aliseda, La Mata ou El Risco.<sup>76</sup> No Baixo Alentejo, existem em Fernão Vaz (Ourique), cuja ocupação se estabelecerá entre meados do século VI e meados da centúria seguinte<sup>77</sup> e, no Alentejo Central, ocorrem em diversos sítios, como Espinhaço de Cão 1 ou Malhada das Taliscas 4.<sup>78</sup>

Algumas cerâmicas a torno ostentam decoração pintada, bícroma em cronologias mais antigas, caso do *pitbos* importado de Torre Velha 3, e posteriormente elaborada em temas monocromáticos e simples nas peças de origem local/regional do Monte do Pombal 2. Adquire destaque a presença de cerâmica pintada designada de estilo Carambolo no Monte do Bolor 3 e em Salsa 3, tecnologicamente difícil de caracterizar, cuja ocorrência no Alentejo é por ora escassa e cuja cronologia de produção e utilização requer ainda definição, enquadrando-se genericamente entre os séculos VIII e VI a.C. Assinale-se a diferença entre a cerâmica pintada de ambos os sítios, tanto na pasta, como no tipo de motivos decorativos.

Quanto ao tratamento das superfícies dos recipientes, regista-se o alisamento, o *cepillado* (Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3), usual em contextos do Bronze Final e sidéricos e o brunimento integral, que confere um aspecto brilhante às peças (Monte do Pombal 2 e Torre Velha 3) e que se generalizará na Idade do Ferro Pós-Orientalizante.

Quando comparada a localização dos sítios de planície com a das necrópoles da I Idade do Ferro referidas *supra*, verifica-se que estas se encontram predominantemente a Oeste de Beja, algumas em clara interface com a bacia hidrográfica do Sado, e que partilham com os povoados de planície o mesmo tipo de implantação na paisagem. Não é ainda possível estabelecer esta análise para a região a Este de Beja e mais próxima do rio Guadiana, na medida em que, na margem direita do rio, para além das urnas Cruz del Negro de Mértola,<sup>79</sup> até

<sup>71</sup> Arruda *et al.* neste volume; Bargão e Fernandes neste volume; Figueiredo e Mataloto neste volume; Salvador e Pereira 2012; neste volume; Santos *et al.* 2009; neste volume; Soares *et al.* 2016; Valério *et al.* 2017. Importa também referir a já conhecida necrópole da Herdade das Carretas (Viana 1945).

<sup>72</sup> Ladrón de Guevara 1994; Morena 2000.

<sup>73</sup> Calado e Mataloto 2008; Calado *et al.* 2007; Mataloto 2004b.

<sup>74</sup> Faria e Soares 1998.

<sup>75</sup> Ladrón de Guevara 1994; Morena 2000.

<sup>76</sup> Rodríguez Díaz e Pavón 1999; Rodríguez Díaz e Ortiz 2004; Enríquez 2001.

<sup>77</sup> Arruda 2001.

<sup>78</sup> Calado e Mataloto 2008; Calado *et al.* 2007.

<sup>79</sup> *E.g.* Barros 2008 e 2012.

à data apenas se conhecem duas necrópoles (Poço Novo 1 e Fareleira 2),<sup>80</sup> sem que se tenham documentado *habitats* e, na margem esquerda do rio, apesar da grande quantidade de trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos, ditados aleatoriamente pela implementação do sub-sistema de rega do Ardila, com excepção para as sepulturas do Monte da Lage e de Montinhos 6 (Serpa),<sup>81</sup> não foram todavia identificadas as necrópoles sidéricas, particularmente as associadas aos contextos não-funerários conhecidos.

A presença de materiais de matriz orientalizante ou tartéssica, importados ou produzidos num âmbito local/regional, parece ser claramente superior nas necrópoles dos que nos contextos não funerários. Deverá no entanto assinalar-se que o número de necrópoles actualmente conhecidas é superior ao de contextos não funerários, surgindo estes, para mais, bastante truncados e sendo escassos os contextos primários (apenas alguns no Monte do Bolor 3). Para além disso, poderá aqui residir também uma questão cronológica, na medida em que a maioria dos contextos funerários em causa deverá enquadrar-se a partir do início do século VI a.C., época na qual o influxo orientalizante ou tartéssico parece estar mais consolidado no interior do Baixo Alentejo.

Quando confrontada a cultura material das necrópoles e dos contextos aqui estudados ressalta por isso uma dicotomia entre os respectivos espólios, denunciando os últimos um forte cunho indígena. Um caso paradigmático é o do Monte do Bolor 1, necrópole com abundantes materiais de influência orientalizante ou tartéssica e do Monte do Bolor 3, local provavelmente associado àquela, com uma preponderância da olaria de âmbito local/regional. Por outro lado, não olvidemos a presença da tradição coroplástica regional nos vasos com ornitomorfos das necrópoles de Palhais<sup>82</sup> e da Carlota e nos ornitomorfos da Carlota e no touro

de Cinco Reis,<sup>83</sup> bem como de inúmeros recipientes cerâmicos oriundos de produção local/regional no conjunto destas necrópoles. Atendendo à natureza dos dados disponíveis, é inevitável manter as diversas interrogações abordadas em aberto, podendo as diferenças assinaladas relacionar-se com o estatuto dos inumados, com questões cronológicas ou eventualmente até com questões culturais.

Em jeito de conclusão poder-se-á afirmar que, entre o final do Bronze do Sudoeste, no final do século VIII a.C.<sup>84</sup> e o advento da Idade do Ferro Pós-Orientalizante, em meados do século VI a.C., as ocupações de planície do interior do Baixo Alentejo implantadas nos territórios articulados pela bacia hidrográfica do Médio e do Baixo Guadiana reflectem uma continuidade relativamente ao Bronze Final e um forte cunho do substrato indígena, sendo as relações com *Tartessos* de índole provavelmente comercial. Não obstante a leitura global que se procurou efectuar destas ocupações de planície, que pontuam num vasto território, e das comparações com outros sítios de planície do Alentejo Central e do Baixo Alentejo, não poderão deixar de ser considerados os localismos da cultura material, que denunciam a existência de muitas planícies dentro da planície.<sup>85</sup>

## AGRADECIMENTOS

Foram algumas as pessoas que se disponibilizaram a conceder os seus conhecimentos e um pouco do seu tempo e que nos auxiliaram no momento de preparação deste artigo. Os nossos agradecimentos vão para Javier Jiménez Ávila, Juan Aurélio Pérez Macías, Lídia Baptista, Margarida Figueiredo, Pedro Barros, Samuel Melro e Sérgio Gomes. Todos, porém, estão isentos de responsabilidade nos erros ou omissões nas linhas atrás escritas.

<sup>80</sup> Figueiredo e Mataloto neste volume.

<sup>81</sup> Baptista e Gomes 2010: 29s.; Soares *et al.* 2016.

<sup>82</sup> Santos *et al.* 2009; Santos *et al.* neste volume.

<sup>83</sup> Salvador e Pereira 2012; Salvador e Pereira neste volume.

<sup>84</sup> Mataloto *et al.* 2013.

<sup>85</sup> O texto, na sua quase totalidade, corresponde à comunicação apresentada, em 2012, ao Sidereum Ana III. Apenas se acrescentam alguns dados mais recentes, que não podem ser ignorados na discussão actual da temática em causa.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. DE (1988): *Roman Portugal*. Warminster.
- AMARO, C.J.G. (1982): “Villa romana do Monte da Chaminé – seu enquadramento arqueológico”. *Al-Madan* (1ª série) 0: 33-34.
- ANTUNES, A.S. (2009): *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. O Arqueólogo Português Suplemento 5. Lisboa.
- ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE, SOARES, A.M., SANTOS, F.J.C., ARÉZ, L., DEWULF, J., BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (2012a): “Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII*. Mérida: 277-308.
- ANTUNES, A.S., GUERREIRO, A., CASTRO, A.N., FIALHO, L., MANTEIGA, M., VIEGAS, V. e BRAGA, J. (2012b): “Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna. Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo”. In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 441-464.
- ANTUNES, A.S., SOARES, A.M.M., DEUS, M. DE e SOARES, R.M. (neste volume): “Povoamento ‘orientalizante’ na margem esquerda do Guadiana. Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 131-157.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A.M. (2001): “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- ARRUDA, A.M. (2005a): “Orientalizante e pós-orientalizante no Sudoeste peninsular: geografias e cronologias”. In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Anejos de AEspA XXXV*, vol. I. Mérida: 277-303.
- ARRUDA, A.M. (2005b): “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”. *O Arqueólogo Português* (série IV) 23: 9-156.
- ARRUDA, A.M., BARBOSA, R., GOMES, F. e SOUSA, E. DE (neste volume): “A necrópole da Vinha das Caliças (Beja, Portugal)”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 187-225.
- ARRUDA, A.M. e FREITAS, V.T. DE (2008): “O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 429-446.
- ARRUDA, A.M., FREITAS, V.T. DE e VALLEJO, J.I. (2000): “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (2): 25-59.
- AUBET, M.E. (1982): “Un vaso a mano con decoración pintada de Los Alcores de Carmona”. *Trabajos de Prehistoria* 39: 385-388.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010): “Relatório Final Beja. Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Monte da Lage” (Relatório Inédito).
- BARGÃO, P. e FERNANDES, D. (neste volume): “A necrópole de Pisões (Beja)”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta 1*. Mérida: 407-419.
- BARROS, P. (2008): “Mértola durante os séculos VI e V a.C.”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 399-414.
- BARROS, P. (2012): “O Bronze Final na região de Mértola”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA LXII*. Mérida: 215-227.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A.C. (2010): *O Castelo dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num Povoado Proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. O Arqueólogo Português. Suplemento 6. Lisboa.
- BRONK RAMSEY, C. (2009): “Bayesian analysis of radiocarbon dates”. *Radiocarbon* 51 (1): 337-360.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2008): “O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central)”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 185-217.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e ROCHA, A. (2007): “Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)”. In A. Rodríguez Díaz e I. Pavon (eds.): *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular. VI Cursos Internacionales de la Universidad de Extremadura*. Cáceres: 129-180.

- CELESTINO, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1996): *El poblado-santuario de Cancho Roano V. El Sector Oeste*. Badajoz.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J., RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN, I. (2001): *El Risco. Excavaciones de urgencia en Sierra de Fuentes (Caceres), 1991 y 1995*. Memorias de Arqueología Extremeña 4. Mérida.
- ESCACENA, J.L. (2000): *La Arqueología Protohistórica del Sur de la Península Ibérica. Historia de un río revuelto*. Madrid.
- ESTRELA, S., COSTEIRA, C., ALVES, C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): "Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste". In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 235-268.
- FARIA, A.M. e SOARES, A.M. (1998): "Uma inscrição em caracteres do SW proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1: 153-160.
- FIGUEIREDO, M. e MATALOTO, R. (neste volume): "Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 353-398.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002): *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 16. Madrid.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2009): "El poblado de El Castañuelo (Aracena) y el Post-Orientalizante en la sierra norte de Huelva". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 3-33.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. e ORTEGA, J. (2008): "El poblamiento en llano del Guadiana Medio durante el período Post-Orientalizante". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 251-281.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J., ORTEGA, J. e LÓPEZ-GUERRA, A.M. (2005): "El poblado de 'El Chaparral' (Aljucén) y el asentamiento del Hierro Antiguo en la comarca de Mérida". *Mérida. Excavaciones Arqueológicas 2002. Memoria* 8: 457-485.
- LADRÓN DE GUEVARA, I. (1994): *Aportaciones al estudio de la cerámica con impresiones digitales en Andalucía*. Cádiz.
- LOPES, M.C. (2000): *A Cidade romana de Beja. Percursos e debates em torno de Pax Julia* (Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra).
- LORRIO, A.J. (1988-1989): "Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz)". *Zephyrus* XLI-XLII: 283-314.
- MARTÍN RUIZ, J.A. (1995): *Catálogo documental de los fenicios en Andalucía*. Sevilla.
- MATALOTO, R. (1999): "As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo". *Revista de Guimarães*, vol. especial: 333-362.
- MATALOTO, R. (2004a): "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2): 139-173.
- MATALOTO, R. (2004b): *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no 1.º Milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- MATALOTO, R. (2007): "Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro-alentejano em meados do I milénio a.C.". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10 (2): 135-160.
- MATALOTO, R., MARTINS, J.M.M. e SOARES, A.M.M. (2013): "Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste". In J.L. Cardoso (ed.): *Homenagem a Carlos Ribeiro. Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20. Oeiras: 303-338.
- MAYET, F. e SILVA, C.T. DA (2000): *Le Site Phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et Sanctuaire*. Paris.
- MIGUEZ, J. (2010): *As Fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica Enquanto Marcadores Étnicos: o Caso de Mesas do Castelinho* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).
- MORENA, J.A. (2000): *Las cerámicas tartésicas con decoración incisa y digitada del Monte Horquera (Nueva Carteya, Córdoba)*. Córdoba.
- OLIVEIRA, C.F.P.P. DE (2005): "Produção e consumo de cerâmica manual no Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 447-467.
- OLIVEIRA, C.F.P.P. DE (2006): *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e)* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa).
- PONTE, M.S. DA (2006): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra.
- PROENÇA, R. (2010): *Intervenção arqueológica em Monte do Bolor I. Relatório Final*. (Relatório Inédito).
- REIMER, P.J., BAILLIE, M.G.L., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., BRONK RAMSEY, C., BUCK, C.E., BURR, G.S., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERSON, T.P., HAJDAS, I., HEATON, T.J., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MC CORMAC, F.G., MANNING, S.W., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SOUTHON, J.R., TALAMO, S., TURNEY, C.S.M., VAN DER PLICHT,



- J. e WEYHENMEYER, C.E. (2009): "IntCal09 and Marine09 radiocarbon age calibration curves, 0-50,000 years cal BP". *Radiocarbon* 51 (4): 1111-1150.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., CHAUTÓN, H. e DUQUE, D.M. (2006): "Paisajes rurales protohistóricos en el Guadiana Medio: Los Caños (Zafra, Badajoz)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 71-113.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ, P. (2004): "La Mata', un edificio organizado". In Rodríguez Díaz, A. (ed.): *El edificio protohistórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: 75-312.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN, I. (1999): *El poblado protohistórico de Aliseda (Cáceres). Campaña de urgencia de 1995*. Cáceres.
- RUFETE, P. (2002): "El final de Tartessos y el período turdetano en Huelva". *Huelva Arqueológica* 17. Huelva.
- RUIZ MATA, D. (1995): "Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico". *Actas del Congreso conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular: Tartessos. 25 años después. 1968-1993. Biblioteca de Urbanismo y Cultura* 14. Jerez de la Frontera: 265-314.
- SALVADOR, R. e PEREIRA, J.A. (2012): "A 'Necrópole' da Carlota (Sao Brisso, Beja) no contexto cultural da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo, dados preliminares". In M. de Deus (ed.): *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 317-330.
- SALVADOR, R.M. e PEREIRA, J.A. (neste volume): "A paisagem funerária a Oeste de Beja no período Orientalizante: as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 333-351.
- SANTOS, F.J.C., ANTUNES, A.S., GRILO, C. e DEUS, M. DE (2009): "A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 746-804.
- SANTOS, F.J.C., ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE e GRILO, C. (neste volume): "A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 181-213.
- SOARES, A.M.M. (2005): "Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, A.M.M., ANTUNES, A.S., QUEIRÓZ, P., DEUS, M. DE, SOARES, R.M. e VALÉRIO, P. (2009): "A ocupação sidérica do Passo Alto (V.V. de Ficalho, Serpa)". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 544-575.
- SOARES, R.M. (2012): *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).
- SOARES, R.M., BAPTISTA, L. e RODRIGUES, Z. (2016): "Os primeiros enterramentos sidéricos conhecidos na margem esquerda do Guadiana em território português". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 19: 129-141.
- SOARES, R.M. e SOARES, A.M.M. (neste volume): "O Cabeço Redondo (Moura). Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 421-441.
- TORRES, M. (1999): *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Biblioteca Archaeologica Hispana 3. Madrid.
- TORRES, M. (2002): *Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 14. Madrid.
- TORRES, M. (2008a): "Fíbulas". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 529-535.
- TORRES, M. (2008b): "Urnas o *pithei* de tipo 'Loring'". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La Necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 655-657.
- VALÉRIO, P., ARAÚJO, M.F., SOARES, A.M.M., SILVA, R.J.C., BAPTISTA, L. e MATALOTO, R. (2017): "Early imports in the Late Bronze Age of South-Western Iberia: the bronze ornaments of the hypogea at Monte da Ramada 1 (Southern Portugal)". *Archaeometry* (Doi: 10.1111/arcm.12310).
- VALLEJO, J.I. (2005): "Las cerámicas grises orientalizantes en la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena". In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Mérida. Anejos de AEspA XXXV, vol. II*. Mérida: 1149-1172.
- VIANA, A. (1945): "Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo". *Arquivo de Beja* V: 3-39.

